

VERMELHO VIVO
AMOR E REVOLUÇÃO

(edições) **MIS**

2 0 2 4



VERMELHO VIVO AMOR E REVOLUÇÃO

Curadoria de Ângela Berlinde

instituto
mirante

M  S

MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM
CE



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA



V DE OBRAGEM
V DE VIDA
V DE LIBERDADE
V DE MELHOR VIVAO

O Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque em Fortaleza apresenta Vermelho Vivo, uma exposição-instalação concebida sob a curadoria da artista e curadora portuguesa Ângela Berlinde, no contexto do FotoFestival Solar. A exposição ocupa todas as áreas do Museu, incluindo as salas expositivas, a Biblioteca, a sala imersiva e as áreas externas, apresentando uma seleção de artistas que celebram a liberdade e a revolução, e criando uma experiência sensorial onde imagens, poemas e canções se entrelaçam para refletir sobre as ideias de Liberdade e Revolução, em um momento de urgência e futuro.

Vermelho Vivo convoca simultaneamente os 50 anos da Revolução Portuguesa de 25 de Abril, a Revolução dos Cravos, a libertação das ex-colônias e a resiliência diante dos 60 anos do golpe militar no Brasil, criando um movimento de profunda interconexão. As obras atuam como catalisadoras, convidando à reflexão e introspecção sobre uma

história comum, interpretada a partir de múltiplas perspectivas e épocas distintas.

Vermelho Vivo no Museu da Imagem e do Som, convida o público a vivenciar imagens, poemas, filmes e canções como forma de refletir sobre as ideias de Liberdade e Revolução em um momento de urgência e futuro.

A exposição inflama o valor máximo da liberdade, acentuando a força das lutas e a vibração da revolução, abrangendo um período de criação contemporânea que vai desde o início dos anos 70 até os dias de hoje. Artistas e pensadores da geografia luso-afro-brasileira compõem essa teia complexa e multifacetada, formada por 115 criadores, distribuídos entre 65 artistas visuais, 25 autores e editores, e 25 músicos e bandas. Juntos, respondem a um mundo em transformação, reconfigurando os significados da liberdade e evocando seu valor político, ao mesmo tempo em que propõem novos sentidos para a existência.

VIVA A LIBERDADE!
REVOLUÇÃO. JÁ!



SE NÃO PUDER TAMBÉM
DANÇAR,
ESTA NÃO É A MINHA
REVOLUÇÃO.



VERMELHO VIVO - Amor e Revolução

Curadoria: Paula Guerra

Assistente de Curadoria: Sofia Sousa

PARA ROMPER COM O SILÊNCIO

Para não dizer que não falamos das canções.

A música, na sua essência, é a manifestação do espírito humano que recusa o silêncio. Nos momentos mais sombrios da história da humanidade, quando as palavras foram censuradas, quando os corpos foram violentados pelo medo, a música permaneceu como um espaço de resistência. Uma trincheira silenciosa, mas poderosa, tanto em Portugal quanto no Brasil: combatendo as ditaduras e resgatando a democracia. Em tempos de ditadura, essa arte, aliada à palavra, à poesia, à pintura e ao cinema, entre outras expressões artísticas, tornou-se arma de luta, ponte para a liberdade e denúncia contra a opressão.

A palavra fez-se ato, a canção fez-se resistência.

Durante o regime do Estado Novo em Portugal, sob a chefia de Salazar, a censura procurava silenciar qualquer murmúrio de insubordinação. O país vivia um manto de silêncio, mas a música e a poesia subvertiam essa tentativa forçada de silenciamento. A canção de protesto tornava-se a voz daqueles que não podiam falar. Zeca Afonso, com a sua «Grândola, Vila Morena», não apenas oferecia uma melodia, mas um grito coletivo, um apelo à solidariedade e à revolução. Essa música, entoada na madrugada de 25 de Abril de 1974, marcou o início da Revolução dos Cravos. A palavra fez-se ato, a canção fez-

se resistência. Através da música, a liberdade foi anunciada em Portugal e em África. Do outro lado do Atlântico, no Brasil, a Ditadura Militar imposta em 1964, também encontrou na música e nas artes o seu mais feroz adversário.

Enquanto as torturas e os desaparecimentos se multiplicavam nos porões do regime, nas ruas e nas rádios, a resistência surgia nos acordes de Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil. O tropicalismo não apenas desafiava o status quo, como abraçava a complexidade de um Brasil que se recusava a ser reduzido ao medo. As canções carregavam uma metáfora ambígua e poderosa: o silêncio imposto pela censura, deveria ser erradicado. Assim como em Portugal, a música no Brasil não era apenas entretenimento, mas antes um ato político, uma resistência poética.

Portugal dos Pequeninos.

A música portuguesa, desde a década de 1970 até os dias atuais, refletiu e interagiu com os desafios sociais, políticos e culturais que o país enfrentou. Cada década trouxe consigo novas vozes, estilos e temáticas que, de diferentes formas, resistiram às opressões ou expressaram um desejo profundo de transformação. Nos anos 1970, a música portuguesa tornou-se um instrumento essencial de resistência contra o regime autoritário do Estado Novo e uma voz ativa nas lutas pela libertação das colônias africanas. Com a democracia já instalada, a década de 1980 foi um período de transição em Portugal, onde as temáticas passaram a refletir a transformação social, a modernidade e um certo desencanto com as promessas da revolução. A música diversificou-se,

com novos estilos emergindo. Com o advento dos anos 1990, deu-se o surgimento de novos gêneros musicais, como o rap e o hip-hop, que trouxeram para o centro da música portuguesa questões de desigualdade social, racismo e a vida urbana. No início do novo milênio, a música portuguesa voltou-se para uma reflexão sobre as conquistas e falhas do 25 de Abril, enquanto se adaptava aos novos tempos. Fez-se contemporâneo o epítome-monumento do Estado Novo: o Portugal dos Pequeninos.

Povo Pequenino

Nos anos 1970, o Brasil vivia sob a ditadura militar, e a música era uma das formas mais expressivas de resistência cultural e política. Sempre foi e será. Artistas desafiavam o regime com letras que mesclavam poesia e crítica social, ao mesmo tempo em que experimentavam sonoridades inovadoras com o tropicalismo. Nos anos 1980, o Brasil começou a experimentar uma abertura política com o fim iminente da ditadura militar. O rock brasileiro emergiu como a principal voz de uma juventude que clamava por liberdade e expressava seu descontentamento com a sociedade, refletindo o caos e a transição do período.

Nas periferias de S. Paulo, de Teresina, do (Hell) Recife ou de Fortaleza, reclamava-se contra o povo pequenino: com os seus habitus cristalizados de escravocracia. Por seu turno, nos anos 1990, o Brasil viu a emergência de novos gêneros musicais que trouxeram à tona as vozes das periferias e das margens da sociedade. A música nos anos 2000 diversificou-se

ainda mais, com artistas a explorar questões de identidade, resistência social e política, e globalização. É nesse caldo cultural e vivencial que o hip-hop se consolidou como uma das formas mais potentes de protesto urbano. A música tornou-se mais do que nunca uma ferramenta de resistência, de denúncia e de expressão identitária, explorando um espectro diversificado de temas, desde as lutas históricas da classe trabalhadora até os direitos LGBTQIA+ e a marginalização das periferias.



Curadoria Miguel Del Castillo

PAPELE CHUMBO: Fotógrafos e Ditadura no Brasil

Esta exposição é composta por fotógrafos que, de diferentes maneiras, abordam a ditadura cívico-militar brasileira, iniciada em 1964, após um golpe que garantiu ampla anistia a militares e apoiadores. Seus efeitos são sentidos até hoje e fazem do Brasil o país latino-americano que menos assumiu a história de seus anos de chumbo, com uma notória escassez de políticas de acesso à informação.

No primeiro grupo de livros expostos há trabalhos de cunho mais fotomontagem, realizados no calor do momento, ainda que alguns tenham sido editados posteriormente. Um segundo conjunto de obras, feitas também ao longo dos anos distantes, exibe registros de luta contra o regime por exemplo, como o *Portugal Ano Zero* de uma perspectiva histórica abrangente desde então, que vai das primeiras manifestações na democracia atual até à situação contemporânea.

Portugal Ano Zero: livros de fotografia de revolução
A exposição é um recorte realizado a convite do Museu da Imagem e do Som (MIS) e da curadoria portuguesa Ana Filipa Breda, em diálogo com a curadora Diágora Bragança do Instituto Moreira Sáes (IMS) coordenada por 13 livros de diversos momentos da Revolução dos Cravos, a libertação de Portugal em 1974 e o processo de reforma agrária e o papel da mulher. *Portugal Ano Zero* é a primeira obra de referência e atualizada a refletir sobre esses eventos, enquanto *Portugal Ano Zero* aborda com a memória presente na história e no cotidiano do país, proporcionando uma experiência histórica e reflexiva sobre a dinâmica de poder e resistência desta época.

E dada especial atenção aos fotógrafos internacionais, que visitaram o país e estiveram lá, entre a série sobre esse período contida em *Como Actos* de Mal (Gábor) Ruyter e *Portugal 1974: The Revolution* (1975) de John Land (John) Portugal. A curadoria de Ana Filipa Breda e Diágora Bragança busca trazer para o Brasil a história do isolamento e da ditadura política da sua área de atuação, a exposição *Portugal Ano Zero*, o desenvolvimento de novos materiais e a seleção gradual da sociedade civil, cultivando uma memória que seja democrática em Portugal.

Portugal Ano Zero é um dos 40 projetos aprovados pelo programa *Uma nova democracia* em Portugal, uma iniciativa da Comissão Europeia de 2010 a 2014, desenvolvida em parceria com o Projeto Daral das Artes.



Portugal Ano Zero: livros de fotografia de revolução

+1

QUE FORÇA É ESSA?

Abrimos a Biblioteca com a certeza de que, nesta mostra, celebramos as lutas que se travam nas páginas dos livros e nas ruas, onde a palavra e a ação se entrelaçam. Relembramos a luz única da aurora da liberdade, trazendo à tona o entusiasmo que a acompanhou, como um fogo que ainda arde, iluminando as lutas que nos movem.

Esse entusiasmo, como toda revolução, não é só do passado: ele nos chama a pensar, questionar, imaginar. São essas as práticas que reavivam o espírito revolucionário, desafiando o presente, com sua herança coletiva, carregada de tensões e contradições. E, aqui um feixe de luz se abre com o "Coração na Aldeia, pés no mundo" com 3 livros indígenas, onde a terra clama, absoluta, sangrando seu grito antigo. Não se trata de "assaltar os céus" mas de refletir sobre o que fazer com uma consciência coletiva marcada pela angústia contemporânea, nutrida por ventos apocalípticos e pela busca intransigente pela liberdade.

A pergunta que ecoa:

Como é que o medo

se pode transformar em entusiasmo,

a ansiedade da catástrofe em

desejo de revolução?

CHUMBO, PAPEL & CRAVOS

13 Livros da Ditadura no Brasil + 13 Livros da Revolução das Flores em Portugal
Chumbo, Papel e Cravos estabelece um encontro transatlântico entre duas coleções de livros de fotografia, explorando momentos cruciais na história contemporânea de Portugal e Brasil, articulando suas lutas e

conquistas. Do lado português, a mostra Portugal Ano Zero: livros de fotografia da revolução, com curadoria de José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques, revela as transformações de Portugal nos anos 70, trazendo imagens que capturam a metamorfose de um país. Composta por 13 livros, a seleção portuguesa percorre diferentes aspectos da Revolução dos Cravos, desde as lutas contra-revolucionárias até a energia das manifestações artísticas de rua e protesto, passando pela reforma agrária e o papel essencial da mulher na construção do novo regime. Em contraponto, a seleção brasileira, também com 13 fotolivros, apresenta a ditadura civil-militar sob múltiplos olhares: a iminência do golpe, a repressão brutal, as lutas silenciosas da resistência, o exílio e as marcas deixadas pelos desaparecidos. Ambos os lados da exposição oferecem uma visão plural e impactante da resistência, do silêncio imposto e da força da memória coletiva, que ainda ressoa com vigor. São livros feitos de papel, chumbo e cravos, mas todos celebram a inabalável força da liberdade. Sempre, a Liberdade!

CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO: 3 LIVROS DO CORAÇÃO DA TERRA

Curadoria: Ângela Berlinde & Fabiana Bruno

VERMELHO VIVO

Amor e Revolução

Co-Curadoria

Miguel Del Castillo

Papel e Chumbo: Fotolivros e Ditadura no Brasil

A memória coletiva de períodos ditatoriais costuma entrar na mira de governos antidemocráticos, que buscam manipulá-la ou simplesmente apagá-la. A arte, quando lida com o mesmo tema, não raro trilha o caminho inverso, resgatando fatos e expondo a violência de Estado. Esta exposição é composta por foto livros que, de diferentes maneiras, abordam a ditadura cívico-militar brasileira, iniciada com o golpe de 1964 e só totalmente dissolvida em 1985, após um acordo (assinado em 1979) que garantiu ampla anistia a militares e apoiadores. Seus efeitos são sentidos até hoje e fazem do Brasil o país latino-americano que menos assimilou a história de seus anos de chumbo, com uma notória escassez de políticas de acesso à informação.

No primeiro grupo de livros expostos há trabalhos de cunho mais foto jornalístico e realizados durante a ditadura, ainda que alguns editados posteriormente. Dois deles, publicados no calor da hora, documentam importantes eventos ocorridos já próximos aos anos 1980 – a Greve do ABC e o histórico encontro da União Nacional de Estudantes (UNE) na Bahia – e se conformam como um misto de signo de esperança e denúncia à queima-roupa das violações de direitos. Já em 1988, nos primeiros anos sob uma democracia ainda frágil, publica-se um livro com fotos doadas anonimamente ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, acompanhadas de depoimentos de pessoas que viveram o ano de 1968, que marcou o drástico recrudescimento da repressão. Em uma edição mais contemporânea, com imagens sangradas e sobrepostas, a fotógrafa Rosa Gauditano compila fotografias que

fez da atuação de mulheres nos movimentos sociais em São Paulo.

Um segundo conjunto de obras, feitas também ao longo dos anos ditatoriais, não exhibe manifestações, batidas policiais ou locais de tortura; seus registros são de outra ordem. Bina Fonyat, por exemplo, aposta em retratar a mais tradicional festa brasileira, o carnaval de rua, mostrando como a folia era a um só tempo escape da repressão e deboche a ela. O fantástico que se vê nas fantasias dos foliões aparece também no seminal fotolivro de Boris Kossoy, que, ao construir pequenos contos fotográficos, ironiza de maneira refinada a falta de liberdade de expressão e o conservadorismo pudico hipócrita. A questão da repressão aos corpos, especialmente os femininos, está igualmente presente nos autorretratos de Gretta Sarfaty, que faz uma crítica à representação deles numa sociedade machista cujo avatar máximo era o próprio aparato repressor estatal.

Diversos artistas contemporâneos lidam com a ditadura a partir de arquivos, muitas vezes acrescidos de outros materiais, para reativar essa memória coletiva. A aura inquietante e tensa de fotos feitas pouco antes do golpe é percebida nas páginas do livro de Shirlene Linny e Julio Cesar Cardoso, que

+1

conta a história de um diplomata brasileiro perseguido e morto pelo regime para encobrir a corrupção por detrás da construção de uma hidrelétrica. O ano fatídico de 1968 é tema do zine de Rony Maltz e Carolina Cattan, que, como numa sequência de tweets, resgata imagens e textos de notícias dos dias próximos à promulgação do Ato Institucional n. 5 pelo governo militar. Diego Di Niglio compila histórias de pessoas atingidas pela repressão, e Gilvan Barreto se ocupa de um lugar – o ultra turístico arquipélago de Fernando de Noronha, que foi naquele momento cárcere de presos políticos – para fazer um salto ao Brasil de 2019, cujo presidente de então, Jair Bolsonaro, pouco tempo antes homenageara, do palanque do Congresso e em rede nacional, um torturador confesso.

repressão, as lutas de resistência, os lugares indizíveis, o exílio, as dissidências ocultas, os efeitos da ausência dos desaparecidos, as continuidades e as sombras que se projetam. Entrecruzam-se imagem e memória, história e política, indivíduo e coletivo. Livros sobre esse tema nunca serão suficientes, e se fazem ainda mais necessários num país como o Brasil, em que o legado da Comissão Nacional da Verdade – órgão temporário criado apenas em 2011 para investigar os crimes cometidos pelo governo militar, e que durou apenas três anos –, ponta inicial de lucidez num mar de esquecimento, se viu recentemente ameaçado por um governo federal que celebrava a ditadura e buscava reescrever com cinismo a história, apagando uma memória que mal começávamos a recuperar.

+ 1

Ao chegarmos ao Brasil de hoje, é impossível não lembrar que existe um braço da ditadura ainda atuante em solo nacional, uma instituição que continuou a existir com poucas mudanças e que é uma das mais mortíferas do tipo no mundo: a Polícia Militar. Em seu livro, Rogério Vieira retrata aqueles que mais sofrem com essa violência, isto é, jovens negros das periferias das cidades. Shinji Nagabe, por sua vez, olha para um futuro fictício, embora assustadoramente possível, imaginando uma distopia teocrático-totalitária em que o ramo fundamentalista do evangelicalismo tem grande parte. Nas páginas desses títulos polifônicos, encontramos a iminência do golpe, a atuação da

VERMELHO VIVO - Amor e Revolução

Co-Curadoria: José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques

Portugal Ano Zero: livros de fotografia da revolução

“Portugal Ano Zero: livros de fotografia da revolução” é uma exposição com curadoria de José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques, que reúne uma extensa e inédita selecção de livros com trabalho de fotógrafos portugueses e estrangeiros, provenientes de diversas colecções privadas e públicas, nacionais e internacionais.

Revelando a efervescente prática editorial que se desenvolveu no pós 25 de Abril de 1974, trata-se de uma perspectiva histórica abrangente deste período, que vai dos primeiros manifestos na denominada small press às apropriações contemporâneas. A exposição é um recorte realizado a convite do Museu da Imagem e do Som (MIS) e da curadora portuguesa Ângela Berlinde, em diálogo com os livros da Ditadura Brasileira do Instituto Moreira Salles (IMS). Composta por 13 livros, ela percorre diversos momentos da revolução, as movimentações contra-revolucionárias que emergiram nesse período, a documentação de práticas de arte de rua e protesto, o processo da reforma agrária e o papel da mulher nos primeiros anos da revolução. Esse recorte busca ampliar e aprofundar a reflexão sobre esses eventos históricos, enquanto estabelece uma conexão com a memória preservada nos arquivos e publicações do IMS, proporcionando uma experiência interativa e reflexiva sobre a dinâmica de poder e resistência dessa época.

É dada especial atenção aos fotógrafos internacionais, que visitaram o País e que realizaram livros, zines e jornais sobre este período e contexto, como Jochen Moll (Grândola: Reportagen aus Portugal, 1976), Tano D’Amico (Ombre Rosse, 1975) ou Jason Lauré (Jovem Portugal After The Revolution, 1977), entre outros. Partindo do idealismo e da turbulência política da fase inicial da revolução, a exposição retrata também o desvanecimento do sonho revolucionário e a adaptação gradual da sociedade civil, culminando numa nova fase da vida democrática em Portugal.

«Portugal Ano Zero» é um dos 45 projetos apoiados pelo programa «Arte pela Democracia», uma iniciativa da Comissão Comemorativa 50 anos 25 de Abril em parceria com a Direção-Geral das Artes.

“Portugal Ano Zero: livros de fotografia da revolução”

1. As Paredes em Liberdade

Fotografia: José Marques

Design: Amélia Afonso, Fernando Felgueiras

Editorial Teorema, Lisboa, 1974

13,5 x 19,6 cm, 160 pp. Capa mole

+ 1

+ 1

2. O Livrinho Vermelho do Galo de Barcelos, ex-citações de Mau de Zé y Chunga

Editor: Avelãs Coelho

Fotografia: José Teixeira, Avelãs Coelho, Lourenço Pereira

Design: Acácio Campos

Amadora, 1975

18,6 x 12,1 cm, 148 pp. Capa mole com seis desdobráveis no miolo, 5.000 exemplares

3. As Paredes na Revolução: Graffiti

Fotografia: Sérgio Guimarães

Mil Dias Editora, Lisboa, 1978

23,7 x 17 cm, 160 pp., Capa mole, 5.000 exemplares

4. Revolução e Mulheres

Autor: Maria Velho da Costa

Ilustração: Lisa Chaves Ferreira

Design: Júlio Navarro

Plátano Editora, Lisboa, 1976

29,1 x 10,3 cm, 20 pp. Capa mole, 100 exemplares numerados e rubricados

Valor de seguro: 150 Euros

5. Os Salazarentos

Autor: António de Almeida

Ilustração: M.A. Mendes

Estaminé – Estúdio de Arte Comercial, Lisboa, 1975

20,4 x 14,8 cm, 104 pp. Capa mole com badanas

6. Grândola: Reportagen aus Portugal

Fotografia: Jochen Moll

Texto: Günter Karau

Mitteldeutscher Verlag, Halle (Saale), 1976

22,5 x 20 cm, 160 pp. Capa dura com sobrecapa

7. Uma História Portuguesa

Fotografia: Fausto Giaccone

Texto: Antonio Tabucchi, Fausto Giaccone, Roberto Collovà

Sete Sóis, Sete Luas, Montemor-o-novo, 1999

19,5 x 23,5 cm, 80 pp., Capa mole

(Edição original)

Una Storia Portoghese

Fotografia: Fausto Giacccone

Texto: Antonio Tabucchi, Fausto Giacccone, Roberto Collovà

Randazzo Focus, Palermo, 1987

24 x 29 cm, 80 pp., Capa mole, 3.000 exemplares

8. Uma Certa Maneira de Cantar. Reforma Agrária: unir, construir, vencer

Fotografia: Costa Martins – Arquivo “Avante!”

Texto: Alexandre Cabral, Anabela Martins, Antunes da Silva, Armindo Rodrigues, Ary dos Santos, Blasco Hugo Fernandes, Egito Gonçalves, Francisco Miguel, Joaquim Namorado, José Gomes Ferreira, José Manuel Mendes, Manuel da Fonseca, Miguel Urbano Rodrigues, Modesto Navarro, Papiniano Carlos, Rosa Maria Brandão, Sidónio Muralha, Urbano Tavares Rodrigues, Vicente Campinas, Vítor Louro, Virgílio Martinho

Edições Avante, Lisboa, 1977

24,5 x 21 cm, 90 pp., Capa mole, 5.000 exemplares

9. Portugal Livre: 20 Fotógrafos da imprensa contam tudo sobre a revolução das flores

Fotografia: Abel Fonseca, Alberto Peixoto, Alfredo Cunha, António Xavier, Armando Vidal, Carlos Gil, Correia dos Santos, Eduardo Baião, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Inácio Ludgero, João Ribeiro, José Antunes, José Tavares, Lobo Pimentel Jr., Miranda Castela, Novo Ribeiro, Rui Pacheco, Teresa Montserrat

Texto: Adelino Gomes, Fernando Assis Pacheco

Design: Luís Filipe da Conceição, Vitorino C. Martins

Editorial O Século, Lisboa, 1974

27 x 20,5 cm, 124 pp. Capa mole

10. Da Resistência à Libertação

Editor: Sérgio Guimarães

Fotografia: Abel Fonseca, Alberto Gouveia, Alfredo Cunha, CIDAC, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Hernando Domingues, João Paiva, José Tavares, SECS

Texto: Orlando Neves

Design: Sérgio Guimarães

Mil Dias Editora, Lisboa, 1977 31 x 23 cm, 168 pp. Capa mole, 10.000 exemplares brochados / 1.050 exemplares encadernados

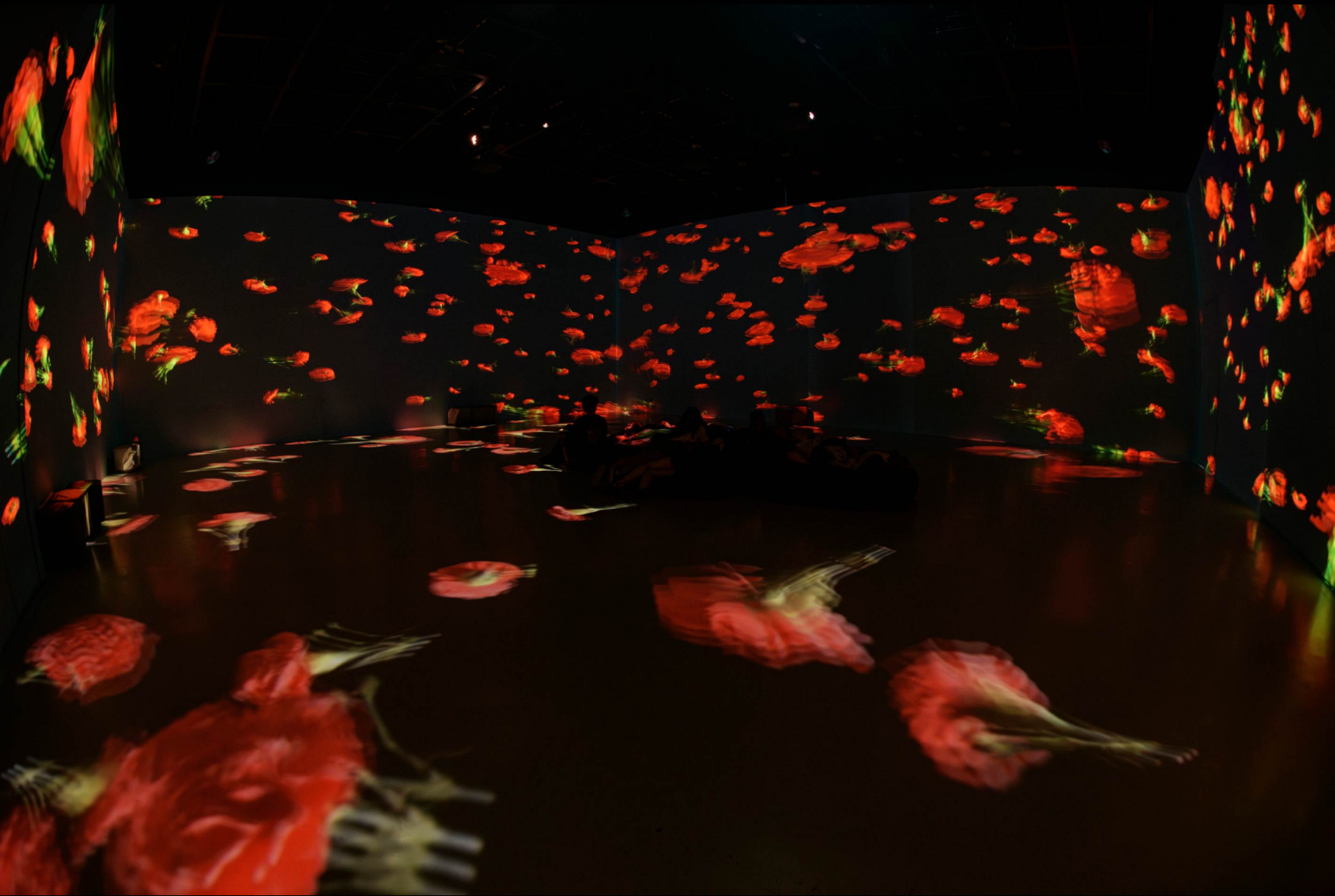
+ 1

11. Primo Maggio a Lisboa
fotografia: Giancarlo De Bellis
texto: Victor Neto
design: Albe SteinerTeti
Edizione del Calendario, Milão, 1974

12. Portogallo
fotografia: Antonio Sferlazzo
texto: Cesare Colombo, Kino Marzullo
design: Grafica Boserman-Cianetti
Federazione Giovanile Comunista Italiana, Roma, 1974
28,5 x 21,5 cm, 112 pp. Capa mole

13. Orgulhosamente Muitos
Fotografia: F. Gonçalves - UNIPRESS, Lisboa
Texto: José Dias
Edições do Templo, Lisboa, 1978
22,8x15,8 cm, 48 pp. Capa mole

+ 1



-2

VERMELHO VIVO - Amor e Revolução

Curadoria

Ângela Berlinde

FAZ ESCURO, MAS EU CANTO*

"Faz escuro, mas eu canto" toma emprestado um dos mais belos versos de *Madrugada Camponesa* (1965), de Thiago de Mello, e inspira a criação de um espetáculo na sala do MIS com a missão de construir uma obra imersiva que, apesar dos tempos sombrios, nos permite cantar alegremente, transformando o caos em dança. Este é um cântico de alegria que emerge de um tempo tenso e extraordinário, onde a democracia e a liberdade estão sob ameaça.

É um chamado ao despertar, para visitar as palavras de ordem, lembrar a poesia e as canções dos tempos de protesto e, mais importante ainda, para transmiti-las às novas gerações. Nunca podemos esquecer o que aconteceu, pois é exatamente através dessas lutas e dessas memórias que conquistamos a liberdade de hoje para criar esta obra. Cada gesto, cada palavra, carrega o peso do que conquistamos e do que ainda precisamos proteger. A obra mergulha nos poemas, nas canções e nas palavras de ordem da Revolução dos Cravos e dos anos de chumbo no Brasil, celebrando as histórias e as lutas, e vislumbrando as revoluções que ainda estão por vir. Concebida por um coletivo de artistas luso-brasileiros, "Faz escuro mas eu canto" proporciona uma experiência sensorial imersiva e convida o espectador a refletir sobre a luta contínua pela

liberdade. Em tempos de instabilidade, onde a democracia e a liberdade estão em risco, somos chamados a olhar para o passado, ouvir as vozes do povo e refletir sobre os desafios atuais. Uma nova noite se aproxima, ameaçando eclipsar as conquistas e reparações alcançadas. Devemos estar atentos e fortes, pois a festa não pode acabar!

* Faz escuro mas eu canto, porque a manhã vai chegar. Vem ver comigo, companheiro, a cor do mundo mudar. Vale a pena não dormir para esperar a cor do mundo mudar. Já é madrugada, vem o sol, quero alegria, que é para esquecer o que eu sofria. Quem sofre fica acordado defendendo o coração. Vamos juntos, multidão, trabalhar pela alegria, amanhã é um novo dia. Thiago de Mello...

CURADORIA: Ângela Berlinde

ARTISTAS: Alberto Carneiro | Alex Vieira | Alfredo Cunha | Aline Motta & Ricardo Aleixo | Ana Hatherly | Bárbara Fonte | Berna Reale | Boris Kosoy | Catarina Laranjeiro & Daniel Barroca | Celso Oliveira | Délio Jasse | Denilson Baniwa | Edgar Kanaykõ Xakriabá | Elaine Pessoa | Evandro Teixeira | Fernando Lemos | Glauber Rocha | Hilda de Paulo | João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira | Jochen Moll | Juca Martins | Luísa Sequeira

Mané Pacheco | Maria Velho da Costa | Marcelo Brodsky | Miguel Ângelo Marques | Nuno-Nunes Ferreira | Coletivo Oficina Arara | Olinda Tupinambá | Oswald de Andrade | Patrícia Almeida & David-Alexandre Guéniot | Rafael Bordallo Pinheiro | Rita Barros | Rosa Gauditano | Ruca Bourbon | Soraya Vasconcelos | Shinji Nagabe | Tales Frey | Tília Saldanha | Vitor Martins

LIVROS, POEMAS, FILMES & CANÇÕES:

Chumbo, Papel & Cravos: 13 Livros da Ditadura no Brasil + 13 Livros da Revolução das Flores em Portugal + 3 Livros do Coração da Terra: Portugal Ano Zero: livros de fotografia da Revolução, com curadoria de José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques. As Paredes em Liberdade - José Marques | As Paredes na Revolução: Graffiti - Sérgio Guimarães | Da Resistência à Libertação - Abel Fonseca, Alberto Gouveia, Alfredo Cunha, CIDAC, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Hernando Domingues, João Paiva, José Tavares, SECS | Grândola - Reportagen aus Portugal - Jochen Moll | O Livrinho Vermelho do Galo de Barcelos - José Teixeira, Avelãs Coelho, Lourenço Pereira | Orgulhosamente Muitos - F. Gonçalves UNIPRESS | Os Salazarentos - M.A. Mendes | Primo Maggio a Lisbona - Giancarlo De Bellis | Portugal Livre: 20 Fotografos da Imprensa Contam Tudo Sobre a Revolução - Abel Fonseca, Alberto Peixoto, Alfredo Cunha, António Xavier, Armando Vidal, Carlos Gil, Correia dos Santos, Eduardo Baião, Eduardo Gageiro,

Fernando Baião, Francisco Ferreira, Inácio Ludgero, João Ribeiro, José Antunes, José Tavares, Lobo Pimentel Jr., Miranda Castela, Novo Ribeiro, Rui Pacheco, Teresa Montserrat | Revolução e Mulheres - Lisa Chaves Ferreira | Una Storia Portoghese - Fausto Giaccone | Uma Certa Maneira de Cantar. Reforma Agrária: unir, construir, vencer - Costa Martins. Papel e Chumbo: fotolivros e ditadura no Brasil, com curadoria de Miguel Del Castillo a partir da Biblioteca do Instituto Moreira Salles. A Mesma Luta - Rosa Gauditano | Auto-photos - Gretta Sarfaty | Carnaval - Bina Fonyat |

Documento: a Greve do ABC - Nair Benedicto, Juca Martins | Encontro na Bahia 79: XXXI Congresso da UNE - Milton Guran | Há 50 Anos Hoje - Carolina Cattán | P14311 - Diego Di Niglio | República das Bananas - Shinji Nagabe | Sete Quedas - Shirlene Linny e Julio Cesar Cardoso | Sobremarinhos: Capitánias e Tiránias - Gilvan Barreto | Somos Todos Alvos aqui - Rogério Vieira | Um Rio em 68 - org. Ana Lucia Machado de Oliveira | Viagem pelo fantástico - Boris Kossoy | Coração na Aldeia, Pés no Mundo, livros indígenas com curadoria de Ângela Berlinde e Fabiana Bruno.

ÃÃpekôyp Yvy – Corpos Terra - Priscila Tapajowara, Sandrieli Kaiowá, Vanessa Pataxó | Coração na aldeia, pés no mundo - Auritha Tabajara | Hêmba - Edgar Kanaykô Xakriabá

Biblioteca Marly Mariano e Thomaz Farkas, do Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque com curadoria de



Ângela Berlinde com consultoria de Ivan Ribeiro. Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985 - Cecília Fajardo-Hill, Andrea Giunta | Zumbi: a guerra do povo negro - Audálio Dantas, Fernando Vilela e Tiago Santana | A que horas começa a revolução? - Eduardo Bruno | Tropicália: a história de uma revolução musical - Carlos Calado | Xingu - Olivetti do Brasil | Yanomami - Cláudia Andujar | Ideias para adiar o fim do mundo - Ailton Krenak | A vida não é útil - Ailton Krenak | Lugares de origem - Ailton Krenak; Yussef Campos | Tropicália: uma revolução na cultura brasileira - Carlos Basualdo | A revolta - Frans Krajcberg | Coleção Folha Grandes Fotógrafos: Revoluções - Mar Valls | AI-5 50 anos: ainda não terminou de acabar - Paulo Miyada, Alexandre Pedro de Medeiros | Frei Tito: em nome da memória - Régis Lopes; Martine Kunz Cinema da Revolução: Programa que aborda revoluções históricas e contemporâneas, como a Revolução dos Cravos, a ditadura no Brasil, as lutas na África, a ancestralidade e as lutas indígenas. Filmes que denunciam opressões e afirmam o cinema como forma de resistência e luta. Fogo no Lodo - Catarina Laranjeiro e Daniel Barroca | Ibirapema - Olinda Tupinambá | O Cravo e a Rocha - Lu Sequeira | O que Podem as Palavras - Lu Sequeira e Luísa Marinho | 25 de Abril 50 Anos - Alfredo Cunha

Para Romper com o Silêncio: Música como forma de Protesto, co-curadoria de Paula Guerra.

Instalação sonora composta por discos de vinil, onde a música surge como ato político e resistência poética na

geografia luso-afro-brasileira. BR: Cabeça Dinossauro - Titãs | Os Mais Doces Bárbaros - Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia | Fábrica - Legião Urbana | Mania de Você - Rita Lee | Metamorfose Ambulante - Raul Seixas | Necropolítica - Ratos do Porão | Samba do Operário - Luca Argel | Sangue Latino - Secos & Molhados | Tanto mar - Chico Buarque | Um Por Todos - Elis Regina | Viva a Revolução - Dinho Ouro Preto PT: Agente Único - GNR | A Máfia Lusitana - Luísa Cília | Dinheirinho - General D e Os Karapinhas | Dinheiro - Sereias | Good Reality - The Parkinsons | Hoyo Hoyo - Selma Uamusse | Mona Ki Ngí Xica - Bonga | Medo do Medo - Capicua | Paz, Poeta e Pombas - José Afonso | Perfilados de Medo - JP Simões | Sound Of Kuduro - Buraka 4 ever | Srs. Políticos - Censurados | Tem Dor (África de Itamaracá) - Batida | Utopia - Dino d'Santiago

Faz Escuro, Mas Eu Canto

Instalação Imersiva que convida o público a refletir sobre a luta contínua pela liberdade. Uma nova noite se aproxima, ameaçando eclipsar as conquistas e reparações alcançadas. Devemos estar atentos e fortes, pois a festa não pode acabar. Concebido pelo coletivo de artistas luso-brasileiros, o espetáculo conta com a direção criativa de Wellington Gadelha, Fluxo Marginal e uma trilha sonora assinada por Ruca Bourbon.

ARQUIVOS, MUSEUS E GALERIAS

Arquivo Municipal de Lisboa;
Arquivos RTP: Rádio e Televisão Portuguesa;
ArquivoBNP: Biblioteca Nacional de Portugal;
BPK-Bildagentur: Cultural Treasures for Creative Minds;
Centro de Arte Moderna - Fundação Calouste Gulbenkian;
Cinamateca Portuguesa - Museu do Cinema;
Diamang Digital;
Fundação Biblioteca Nacional/Biblioteca Digital Brasileira;
Galeria Cristina Guerra Contemporary Art - Lisboa;
Instituto Moreira Salles - IMS Paulista;
Museu Bordallo Pinheiro - Portal Revista de Ideias e Cultura;
Museu da Fotografia de Fortaleza;
StudioR.

VERMELHO

AMOR E RE

RMÉLHO V

R E REVOL

OR E REVOLV

RMÉLHO V

BIOGRAFIA DOS CURADORES

CURADORIA GERAL

Ângela Berlinde

Ângela Ferreira (Porto, 1975) é artista, curadora e investigadora em Fotografia, com Pós Doutoramento em Artes e Poéticas Interdisciplinares pelo PPGAV da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutora em Educação Artística, Comunicação Visual e Expressão Plástica pela Universidade do Minho em Portugal e tem o European Media Master em Fotografia, pela Utrecht School of Arts-Holanda. É Pós-Graduada em Direção Artística e Práticas Curatoriais e Licenciada em Direito pela Universidade do Minho, sua primeira formação académica. Foi responsável pelo posicionamento estratégico e assumiu a direção artística do GNRation em Braga, ponto de referência no Cluster Regional de Indústrias Criativas. É Co-fundadora do Festival Internacional de Fotografia Encontros da Imagem, tendo colaborado como Diretora geral e artística e atua como curadora independente em festivais e exposições, como a Bienal de Fotografia de Beijing, na China, o Korea International Photo Festival e o Goa Photo, na Índia. Integra a associação curatorial Oracle e o Conselho de Curadores do Museu da Fotografia de Fortaleza, no Brasil. Integra desde 2018 a equipe de Coordenação geral do Fotofestival SOLAR, no qual é consultora artística. É co-fundadora do Nervo Observatório dos Fotolivros em Portugal, uma plataforma dedicada à reflexão e pensamento crítico em torno das visualidades implícitas ao fotolivro.

CURADORIA MÚSICAS

Paula Guerra

Paula Guerra é Professora Associada de Sociologia na Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Universidade. Paula é Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research da Griffith University na Austrália. É ainda investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) e do DINÂMIA'CET – Iscte, Centro de Estudos sobre a Mudança Socio económica e o Território. É fundadora/coordenadora da Rede Todas as Artes: Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes e da KISMIF (kismifconference.com e kismifcommunity.com). É presidente da International Association for the Study of Popular Music (IASPM) Portugal e vice-coordenadora da Research Network de Sociologia da Arte da European Sociological Association. Coordena vários projetos de investigação subordinados às culturas juvenis, sociologia das artes e da cultura, cocriação, metodologias e técnicas de investigação, culturas DIY, entre outros temas. Tem igualmente orientado vários projetos de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento nas áreas mencionadas. Paula é editora-chefe (com Andy Bennett) da revista da SAGE DIY, Alternative Cultures and Society.

CURADORIA LIVROS

Miguel Del Castillo

Miguel Del Castillo é escritor, tradutor, editor e curador. Nasceu no Rio de Janeiro e vive em São Paulo. É autor dos livros *Restinga* (contos, 2015) e *Cancún* (romance, 2019), ambos publicados pela Companhia das Letras. Foi escolhido como um dos vinte melhores jovens escritores brasileiros pela revista *Granta* em 2012. Atua como coordenador da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles, tendo sido também editor da *Cosac Naify* e do site da revista *ZUM*. Manteve por um ano uma coluna sobre fotolivros no site da livraria *Megafauna* e é mestrando em *Literatura Comparada* na Universidade de São Paulo (USP).

Susana Lourenço Marques

Professora, curadora e editora independente (PT)

É Professora Associada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e doutorada em Comunicação e Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. É Investigadora integrada do I2ADS/Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e autora dos livros *Ether/um laboratório de Fotografia e História* (Dafne, 2018) e *Pó, cinza, nevoeiro - um ensaio sobre a ausência* (2018), tendo co-editado *Livros de Fotografia em Portugal da revolução ao Presente* (2023), *Lágrimas de Crocodilo* (2022) e *Pedagogy of the streets, Porto 1977* (2018). Como curadora destacam-se as exposições: *Quem te ensinou? Ninguém*, de Elvira Leite (2016), *Galeria Portátil PLF* (2018), *Imagem/Técnica, os inventários de Emilio Biel* (2020), *Opacity*

of Water (2021), *Loss of Aura* (2022) *Eternal Youth* (2023) e *No tempo dos Dias Lentos* (2023). Co-fundou em 2014 a editora *Pierrot le Fou*.

Luís Pinto Nunes

Luís Pinto Nunes (Porto, 1988). Licenciado em Artes Plásticas (2010), pós-graduado em Estudos Artísticos - Estudos Museológicos e Curatoriais (2011) e Mestre em Estudos de Arte - Museologia em Curadoria (2023), pela FBAUP. Em 2012 frequentou o programa Independent Study Program da Escola *Maumaus de Jürgen Bock*. É coordenador do Museu e Gabinete de Exposições da FBAUP, desenvolve projectos expositivos e curatoriais, é curador e gestor da sua colecção. Desde 2010, coordena o LPN-LAP, onde desenvolve projetos curatoriais e expositivos, editoriais e consultoria em projetos culturais. Membro do comité de organização e curador da *xCoAx - Computation Communication Aesthetics and X* [2014-24]. Membro investigador do *i2ADS - FBAUP*. Membro da comissão de aquisições e obras de arte para a colecção da CMP [2018-19]. Integra a comissão de apreciação do Programa de Apoio a Projectos – Artes Visuais e Programa de Apoio Sustentado – Bienal 2025-2026 – Artes Visuais, da DGArtes [2024].

José Luís Neves

José Luís Neves é professor de história e teoria da fotografia nas universidades de Northampton e Ulster no Reino Unido. Completou o seu mestrado em História da Fotografia pela Universidade de

Montfort e terminou o seu doutoramento na Universidade de Ulster em 2017 onde desenvolveu uma ampla investigação académica sobre a história e historiografia do livro de fotografia. Iniciou a sua prática de curadoria no Wilson Center for Photography em 2010 e tem desde então comissariado várias exposições sobre o livro de fotografia em colaboração com o festival Photobook Week Aarhus na Dinamarca. Participa regularmente em conferências e festivais europeus dedicados à fotografia e ao livro de fotografia e tem publicado artigos sobre o mesmo assunto em diversas publicações especializadas – Photo Researcher, Compendium, Source Magazine, Belgium Platform for Photobooks, OCAT Institute Beijing.

Fabiana Bruno

Fabiana Bruno é doutora em Múltiplos Meios pelo Instituto de Artes da Unicamp e pós-doutora em Antropologia Social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP. É editora e atua em projetos de fotolivros com a FotôEditorial, em São Paulo. Coordena e

orienta grupos de estudos em fotografia no AteliêFotô-SP. Entre suas curadorias mais recentes está a exposição Coração na Aldeia, Pés no Mundo, de 22 artistas indígenas e não-indígenas, curadoria compar-tilhada com Fabiane Medina da Cruz, no Sesc Piracicaba, 2022-2023; Integrou a equipe de Consultoria e Formação do Educativo Sesc durante a exposição Levantes, de Georges Didi-Huberman, no SESC Pinheiros, SP, em 2017. Fundadora e coordenadora de projetos curatoriais do ACHO – Arquivo Coleção de Histórias Ordinárias, em Campinas.

Artistas

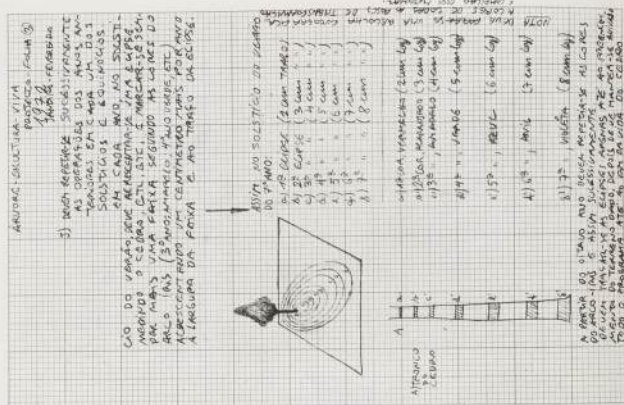
VERMELHO VIVO
AMOR E REVOLUÇÃO

Alberto Carneiro
Portugal, 1937-2017

Alberto Carneiro foi um destacado escultor português, formado na Escola Superior de Belas Artes do Porto e na Saint Martin's School of Art, em Londres. Revolucionou a escultura portuguesa ao introduzir elementos conceituais e experimentais, explorando a relação entre corpo e natureza. Sua obra, com forte teor filosófico, abrange escultura, instalação, fotografia e desenho. Como professor, influenciou várias gerações de artistas e arquitetos, lecionando na ESBAP e na FAUP, ambas em Portugal. Recebeu diversos prêmios e suas obras integram coleções importantes em Portugal e no exterior.

Sinopse

Notas para um manifesto de uma arte ecológica. A obra de Alberto Carneiro reflete uma visão de arte que integra ética e estética, marcada por um certo distanciamento em relação aos movimentos sociais e ambientais que emergiram nos anos 60. Seu manifesto "Notas para um manifesto de uma arte ecológica" (1973) contribuiu mais para o debate artístico do que para o ativismo ecológico, propondo uma "ecologia mental" que enfatiza a identidade e a singularidade do indivíduo. Segundo Félix Guattari, Carneiro exemplifica o poder de rupturas criativas contra a homogeneidade cultural. Sua postura humanista inspira futuras gerações a explorar sua própria força criadora e autenticidade.



Alberto Carneiro

ALBERTO CARNEIRO, nasceu em 1937. Habita e trabalha no Porto.

1948-59, oficina de carneiro / 1955-59, cursos nocturnos das Escolas Soares dos Reis e António Arroio / 1958-59, serviço militar / 1960, curso de escultura decorativa / 1963, preparatórios para a E. S. B. A. / 1961-66, curso de escultura, E. S. B. A. P. / 1966-68, professor no ensino secundário / 1968-70, docente na Saint Martin's School of Art, Londres / 1970-71, Professor no ensino secundário / 1971-73, Professor na E. S. B. A. P. / 1971-73, Professor no círculo de Artes Plásticas, Coimbra.

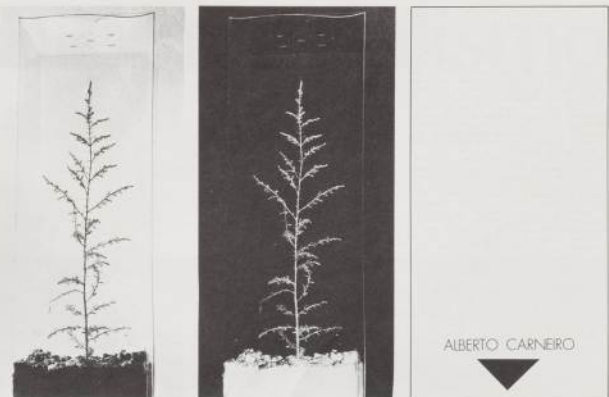
EXPOSICÕES COLECTIVAS
 VI Biennal de Paris, 1969 / 26 Artistas / Óbidos, 1971 / CANNING HOUSE, Londres, 1971 / Homenagem a Josefa d'Óbidos, 1971 / QUADRANTE, Lisboa, 1971 / Prémio SOGUIL, Lisboa, 1971 / OIGNA, Óbidos, 1972 / EXPO AICA, Lisboa, 1972 / EXTREMOS e EVORA, 1973 / 26 Artistas de Hoje, Lisboa, 1973.

EXPOSICÕES INDIVIDUAIS
 Escultura e Desenhos, E. S. B. A. P., Porto, 1967 / Desenhos, Galeria Divulgação, Porto, 1967 / Escultura, Árvore, Porto, 1969 / (Um Deserto entre dois Océanos e Uma Linha para os teus Sentimentos Estéticos), Galeria Alvarez, Porto, 1971 / (No Jardim Esclaremos Melhor), Galeria Oigna, Óbidos, 1971 / (O Cansável: Memória-Metamorfose de um Corpo Ausente), Galeria Quadrante, Lisboa e C. A. P., 1973.

Em 1971 publicou *Ídolos e Projectos* 1.º Caderno e tem em preparação o 2.º Caderno.

PRÉMIOS
 Bóteiro da Fundação Calouste Gulbenkian no Porto de 1962 e 1967 e em Londres de 1968 e 1970 / Rocha Cabral, 1963 / Meives Júnior, 1962 e 1963 / Teixeira Lopes, 1965 / Nacional de Escultura, 1968 / Soquil, Menção Honrosa, 1971.

Está representado nas colecções dos Museus de Amarante, de Ovar da Fundação Gulbenkian, Londres e Colecções particulares.



Alberto-Carneiro-facsimile-23x30,7cm

Alex Vieira
Brasil, 1987

Alex Vieira nasceu em Vitória (ES - Brasil) em 1987 e vive atualmente na cidade do Porto (Portugal). Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestre em desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É editor e criador da Revista Prego, publicação especializada em quadrinhos alternativos e experimentações gráficas desde 2007. Participou de exposições e publicações no território nacional e internacional. Artista multimídia, transita em diferentes linguagens, entre elas desenho, serigrafia, pintura, colagem, graffiti, música e tatuagem.

Sinopse

“Beba água e lute contra o fascismo”

Serigrafia sobre papel

Alex Vieira 2018

A obra “Beba água e lute contra o fascismo” surge de uma série de colagens feitas a partir de intervenções políticas em carimbos escolares. Em sequência a obra foi reproduzida em serigrafia em diferentes suportes.



beba água
E LUTE CONTRA
O FASCISMO!

Alfredo Cunha
Portugal, 1953

Alfredo Cunha iniciou sua carreira como fotógrafo em 1970, colaborando com jornais e agências como O Século, ANOP e Lusa. Foi também fotógrafo oficial dos presidentes Ramalho Eanes e Mário Soares. Destacou-se por séries icônicas sobre o 25 de Abril, a descolonização portuguesa, o PREC e a Guerra do Iraque. Atuou como editor fotográfico no jornal Público e dirigiu a Agência Global Imagens. Autor de vários livros, incluindo Raízes da Nossa Força e 25 de abril de 1974, Quinta-feira, hoje trabalha como freelancer em diversos projetos editoriais.

Sinopse

25 de Abril de 1974 + 50anos

Alfredo Cunha, renomado fotógrafo português, teve sua carreira marcada pelas imagens históricas que capturou em 25 de abril de 1974, dia da Revolução dos Cravos, quando, aos 20 anos, registrou o momento mais emblemático de sua trajetória. Desde então, ele trabalhou como fotógrafo oficial de presidentes portugueses e colaborou com veículos de prestígio, documentando eventos internacionais marcantes. Este arquivo revela como aquele dia crucial moldou sua vida e se tornou, simultaneamente, uma inspiração e uma "dádiva e maldição" que o faz, incansavelmente, retornar ao 25 de Abril em suas exposições e publicações, revisitando-o como um legado.



Alfredo Cunha - Amílcar Cabral



Alfredo Cunha



Alfredo Cunha - Descobrimientos

Aline Motta e Ricardo Aleixo

Brasil, 1974

Brasil, 1960

Aline Motta combina diferentes técnicas e práticas artísticas em seu trabalho, como fotografia, vídeo, instalação, performance e colagem. De modo crítico, suas obras reconfiguram memórias, em especial as afro-atlânticas, e constroem novas narrativas que invocam uma ideia não linear do tempo. Em 2022 lançou seu primeiro livro "A água é uma máquina do tempo" pelas editoras Fósforo e Luna Parque Edições (finalista do prêmio literário Jabuti), abriu exposição individual no átrio do Sesc Belenzinho e na sala de vídeo do MASP. Em 2023, expôs na 15a. Bienal de Sharjah (EAU), no MoMA Museum of ModernArt (NY) em "Chosen Memories" e na 35a Bienal de Arte de São Paulo.

Ricardo Aleixo é poeta, artista e pesquisador de literatura, outras artes e mídias, recebeu, em 2021, da UFMG, o título de Notório Saber em Letras, equivalente ao grau de doutor. É autor de 22 livros, entre eles Sonhei com o anjo da guarda o resto da noite – Memórias (Todavia, 2022), em que conta a sua história de artista e escritor. Suas obras mesclam poesia, prosa ficcional, filosofia, etnopoética, antropologia, história, música, radioarte, artes visuais, vídeo, dança, teatro, performance e estudos urbanos. Encontra-se atualmente em NY, onde atua como Pesquisador Visitante no departamento de Performance Studies da NYU, ao mesmo tempo que continua a desenvolver, em modo remoto, suas atividades como Professor Visitante do Instituto de Letras da UFBA.

Sinopse

Meu Negro Meu Nego é um filme experimental de Aline Motta e Ricardo Aleixo, concebido a partir da performance do artista com seu "poemanto" e o poema homônimo "Meu Negro". No topo de um edifício, um corpo realiza uma "corpografia", transformando-se em receptáculo e criador da poesia, que transita do papel à voz, da voz ao corpo, resignificando-se a cada movimento. Inspirado nos parangolés de Hélio Oiticica, o filme transita entre dança e escrita, corpo e palavra, para desafiar as construções históricas e ideológicas de sujeito e objeto, afirmando a liberdade e a autodeterminação dos povos não-brancos.

Ana Hatherly

Portugal, 1929 - 2015

Ana Hatherly iniciou, nos anos 60, uma investigação sobre a essência da escrita, explorando sua dimensão visual e a relação com a caligrafia oriental arcaica. Em sua obra, a escrita torna-se imagem, movida não só pela mão, mas pelo corpo inteiro. Poetisa, ensaísta e artista plástica, transita entre literatura, artes visuais e cinema, onde desenvolveu filmes experimentais focados em linguagem e visualidade. Estudou cinema na London Film School nos anos 70, e sua obra reflete uma abordagem interdisciplinar e inovadora.

Sinopse

Revolução O filme *Revolução* (1975), de Ana Hatherly, foi exibido na Bienal de Veneza em 1976 e documenta, com uma câmara Super 8, os cartazes, grafites e murais revolucionários nas ruas de Lisboa após o 25 de Abril. Com montagem rápida e intensa, o filme captura a euforia e participação coletiva da época, refletindo as múltiplas vozes do cenário político português. Além de testemunho do período revolucionário, a obra expressa a relação da artista com Lisboa e seu envolvimento criativo com a cultura urbana nesse momento histórico. Objeto, afirmando a liberdade e a autodeterminação dos povos não-brancos.

Bárbara Fonte

Portugal, 1981

Bárbara Fonte é artista plástica, licenciada em Artes Plásticas - Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (Portugal), apresenta um trabalho multidisciplinar no campo do desenho, da fotografia, do vídeo, da performance, da escultura e da escrita. O seu projeto reflete questões de identidade, corpo, religião e política, procurando, com uma atitude experimental, revelar o domínio do lado íntimo, afetivo e indomesticado do Homem Universal.

Sinopse

A Casa Arde e Os Esqueletos Cortejam

A série A Casa Arde e Os Esqueletos Cortejam, de Bárbara Fonte, apresenta vídeos e fotografias de performances encenadas em estúdio, onde a artista utiliza seu corpo como símbolo e ferramenta criativa. Em cenas experimentais, ela explora memórias pessoais e coletivas, refletindo sobre a figura feminina no contexto doméstico e na vida portuguesa. Sua poética visual evoca temas ficcionais da identidade e existência humana, criando imagens intensas e profundamente evocativas.

Balada para um túmulo comum

Performance que procura expor a linguagem poética de uma revolução, que parte de dentro do contexto interior e doméstico e se desenrola nas ruas e no território da humanidade, comum, de permanência e universalidade. Neste sentido, a presença feminina surge como metáfora suma das circunstâncias que produzem as cicatrizes das opressões e das batalhas que constroem os desejos e os direitos. Esta ação procura expor a heroicidade das mulheres, que, agindo de dentro do túmulo comum, trespassando gerações, lugares e contextos, direciona o sacrifício contínuo, os ecos do passado, as suas privações e humilhações, as suas perdas, as suas entregas, a sua submissão à contínua leitura social, moral, cívica, política e cultural, para a conceção de uma melhor gente. A figura feminina é autora do grito da revolta, influente ativista que usa o seu "local doméstico" (lugar íntimo e sobrenatural) como covil da insurreição, onde é capaz de oferecer a guerra à poesia.





Berna Reale

Belém do Pará, Brasil, em 1965

Berna Reale é uma das artistas mulheres mais importantes no atual cenário contemporâneo do Brasil, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática da performance no país. Trabalhando simultaneamente nos campos das artes visuais e da perícia criminal, sua produção artística em múltiplos suportes, composta por instalações, performances, fotografias e vídeos, é marcada pela abordagem crítica sobre os aspectos materiais e simbólicos da violência e os processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade. Nascida em Belém do Pará, Brasil, Berna Reale vive e trabalha em sua cidade natal. Formou-se em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém. Além da 56ª La Biennale di Venezia, vem participando de bienais como: 3ª Beijing Photo Biennial, Beijing, China (2018); 34ª Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2015);

Sinopse

Os Jardins Suspensos da América #2

Em uma de suas foto-performances, Berna Reale posiciona seu corpo feminino, vestido com um uniforme que remete ao militar, enquanto rega um jardim de flores negras. Nessa obra, o negro das flores simboliza a força que emerge da delicadeza — uma energia que brota da terra e cresce, desafiando estereótipos de fragilidade.

Palomo

A obra Palomo, em vídeo e fotografia, de Berna Reale, oferece uma interpretação poética sobre o abuso de poder institucional, especialmente o policial. Nessa performance, a artista encarna uma figura inspirada no Cavaleiro do Cavalo Vermelho, símbolo de guerra do Apocalipse, montando um cavalo branco da polícia militar, ironicamente batizado de "Palomo" ("pombo" em espanhol). A obra explora a inversão da ideia de paz e segurança atribuída a certas instituições de poder. Exibida em mostras individuais e coletivas de destaque, Palomo tem sido amplamente reconhecida em exposições internacionais.



Berna Reale - Lona em PVC - 150x100cm

Boris Kossoy

Brasil, 1941

Boris Kossoy é um fotógrafo, teórico e historiador da fotografia brasileiro, formado em Arquitetura pela Universidade Mackenzie e doutor pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, coordena o Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Imagem e Memória. Sua obra abrange fotografia, pesquisa acadêmica e curadoria, e integra acervos de instituições renomadas como o MoMA e o Metropolitan Museum of Art. Autor de livros fundamentais sobre fotografia, foi reconhecido com o título de Chevalier des Arts et des Lettres pelo governo francês e o Prêmio Brasil de Fotografia.

Sinopse

Surpresa na Estrada Surpresa na Estrada, parte da série Viagem Pelo Fantástico, é uma obra pioneira de Boris Kossoy na fotografia autoral no Brasil e na América Latina. Fugindo do uso tradicional da fotografia como mero registro, Kossoy explora abordagens mais complexas, combinando expressão cultural, estética e ideológica. A série questiona as convenções da "fotografia artística" dos fotoclubes, enquanto ilustra novas possibilidades simbólicas e criativas para o meio fotográfico.

Catarina Laranjeiro e Daniel Barroca

Portugal, 1983

Portugal, 1976

Catarina Laranjeiro é investigadora no Instituto de História Contemporânea (IHC-NOVA/FCSH), onde desenvolve um projecto sobre cinema vernacular em Cabo Verde, Guiné-Bissau e respectivas diásporas na Europa. Realizou o filme *Pabia di Aos* (2013). Corealizou a curta metragem *Enxertia* (2020) com Marta Leite e a longa *Fogo no Lodo* (2023) com Daniel Barroca com quem fez a curadoria da exposição *O Chão é Lava!* (2024/25), uma coprodução Culturgest e Fidelidade Arte. No campo da performance, colabora com Tânia Dinis com quem cocriou *Álbuns de Guerra* (2021) e se encontra a codesenvolver *Operariada* (2025).

O trabalho de Daniel Barroca (1976) cruza a arte e a etnografia. Desenvolvendo uma pesquisa de doutoramento no DANT.Ulisboa sobre guerra e imagem. Estudou artes plásticas na ESAD.CR (Caldas da Rainha), no Ar.Co (Lisboa) e no Ashkal Alwan (Beirute). Foi artista residente na Künstlerhaus Bethanien (Berlim), Rijksakademie van Beeldende Kunsten (Amesterdão) e no Drawing Center (Nova Iorque). Fez múltiplas exposições em galerias, museus e espaços informais em diversos países. Corealizou com Catarina Laranjeiro o filme *Fogo no Lodo* (2023) com quem fez a curadoria da exposição *O Chão é Lava!* (2024/25), uma coprodução Culturgest e Fidelidade Arte.

Sinopse

Fogo no Lodo

O filme *Fogo no Lodo* retrata a aldeia guineense de Unal, cujos habitantes, cultivadores de arroz, tiveram papel fundamental na luta de libertação contra o colonialismo português. Primeiros a aderir à guerrilha, mobilizaram os espíritos ancestrais, os Irãs, reverenciados como donos do território a quem prestam reverência. Hoje, o ciclo do arroz e os rituais locais carregam a memória da guerra e do trauma. Após o conflito, alguns guerrilheiros foram possuídos por uma visão messiânica, "A Sombra", que os dotou de poderes de cura e divinação através de escritos talismânicos. *Fogo no Lodo* explora como tradições religiosas e tensões políticas moldam o futuro dessa comunidade na Guiné-Bissau contemporânea. *Mapa de Cumplicidades #1A* guerra colonial, ou *Luta de Libertação Nacional*, começou na atual Guiné-Bissau em 1963 e terminou oficialmente em 1974 com a revolução dos cravos que depôs o regime salazarista. O meu pai foi soldado do exército português nessa guerra entre 1972 e 1974. Quando a guerra acabou, e ele voltou para Portugal, trouxe consigo um álbum com uma coleção de fotografias que reuniu durante a guerra. *Mapa de Cumplicidades #1* é um trabalho que fiz a partir de uma dessas fotografias aproximadamente 38 anos depois do momento em que ela foi tirada. É um trabalho sobre a troca de olhares entre os soldados que estão na imagem, e a cumplicidade aí implícita, e eu enquanto alguém que na pós-memória da guerra a descobriu através de fotografias como esta.

Celso Oliveira

Brasil, 1957

Celso Oliveira é fotógrafo, editor e educador, iniciou sua carreira em 1975 e se destacou como fotojornalista em publicações como *Veja*, *IstoÉ* e *O Globo*. Em 1980, mudou-se para Fortaleza, onde trabalhou com Chico Albuquerque e fundou a agência *Tempo D'Imagem* com Tiago Santana, voltada para ensaios documentais. Seu foco principal é a fotografia documental, especialmente sobre a vida e as tradições culturais do Nordeste brasileiro. Além disso, ele participa do conselho artístico do Museu da Fotografia de Fortaleza.

Sinopse

Manifestação por óbito de sindicalista por agentes do estado, em frente à fábrica Sylvânia

A fotografia da série *Ditadura*, coleção do Museu da Fotografia de Fortaleza, captura um momento poderoso de união: um grupo de manifestantes com as mãos entrelaçadas durante um protesto contra a ditadura em São Paulo, em 1979. A imagem retrata a força e a solidariedade do movimento, simbolizando a resistência e o desejo coletivo por liberdade em meio a um dos períodos mais sombrios da história brasileira.

Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot

Portugal, 1970-2017

França, 1972

Patrícia Almeida (1970-2017), fotógrafa e artista visual, formou-se em História na Universidade Nova de Lisboa e em Fotografia no Goldsmiths College, Londres. Interessada na fotografia documental, abordou temas como a relação entre indivíduo e espaço urbano (No Parking, 2004) e o imaginário turístico em Portobello (2008). Em 2010, com a série All Beauty Must Die, explorou as conexões entre juventude, música e romantismo. Em 2011, cofundou a editora GHOST para publicar livros de artistas, incluindo *Ma vie va changer* (2015), aclamado pela crítica. Seu trabalho é amplamente exibido e faz parte de diversas coleções públicas e privadas em Portugal e na Europa.

David-Alexandre Guéniot, formado em Ciências Políticas e Filosofia, é diretor artístico da editora GHOST, que fundou em 2011 com a fotógrafa Patrícia Almeida. Desde então, publicou mais de 40 livros de artistas, muitos deles premiados, como o Prémio de Design de Livro do Ministério da Cultura de Portugal (2018, 2019, 2021) e o Prémio de Melhor Livro de Investigação Histórica da Photo España (2024). Como autor, coassinou obras com Patrícia Almeida, incluindo *Ma Vie Va Changer* (2015). Em 2022, publicou *O Livro da Patrícia*, uma reflexão visual sobre memória e fotografia.

Sinopse

Não Tenho Medo (15-10-2011)

A obra *Não Tenho Medo* (15-10-2011) de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot é uma instalação que adapta o fanzine *Não tenho medo porque não tenho nada* (2012) ao espaço expositivo. A instalação consiste em várias fotografias de placas usadas nos protestos do dia 15 de outubro de 2011, montadas sobre contraplacados e dispostas ao redor de uma estrutura de madeira. Esse protesto ocorreu em Lisboa fez parte de uma manifestação global inspirada pelo movimento espanhol "Indignados" e pelo "Occupy Wall Street". A obra documenta o espírito de resistência da ocasião, reforçado pela publicação de *Não Tenho Medo* em 2012, na véspera da visita de Angela Merkel a Lisboa.

Ma Vie Va Changer.

A obra *Ma Vie Va Changer* de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot é uma reflexão visual e sonora sobre eventos globais e a vida pessoal do casal entre 2011 e 2013. Combinando recortes de jornal sobre crises como a "Primavera Árabe", a chegada da Troika a Portugal, e os protestos anti austeridade com fotos familiares, o vídeo apresenta uma sequência ininterrupta dessas imagens. A trilha sonora mistura sons de atualidades e o filho Gustavo cantando "Get Lucky" dos Daft Punk, em inglês aproximado, criando um contraste entre a vida cotidiana e o impacto das crises globais.



BRASIL



Délio Jasse
Angola, 1980

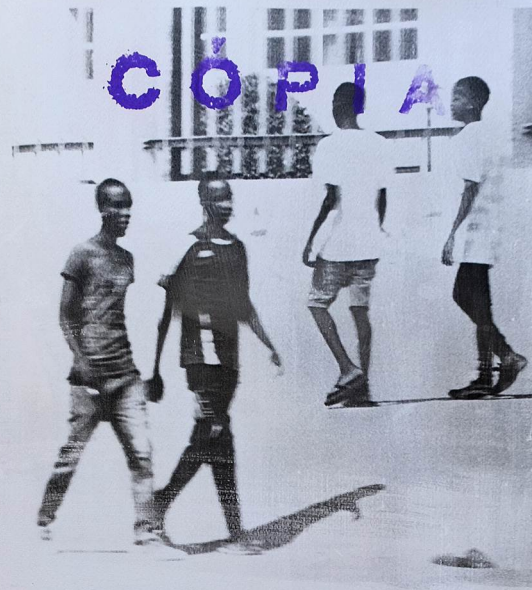
Em seu trabalho fotográfico, Délio Jasse frequentemente entrelaça imagens encontradas com indícios de vidas passadas (como fotos de passaporte, álbuns de família) para criar conexões entre a fotografia – em especial o conceito de "imagem latente" – e a memória. Jasse é conhecido por suas experimentações com processos de impressão fotográfica analógica, incluindo cianotipia, platinotipia e processos de impressão antigos, como o 'Van Dyke Brown', além de desenvolver suas próprias técnicas de impressão. Ele utiliza processos analógicos para subverter a reprodutibilidade do meio fotográfico, criando variações sutis e intervenções com pintura, liquid light, folha de ouro e colagem.

Sinopse

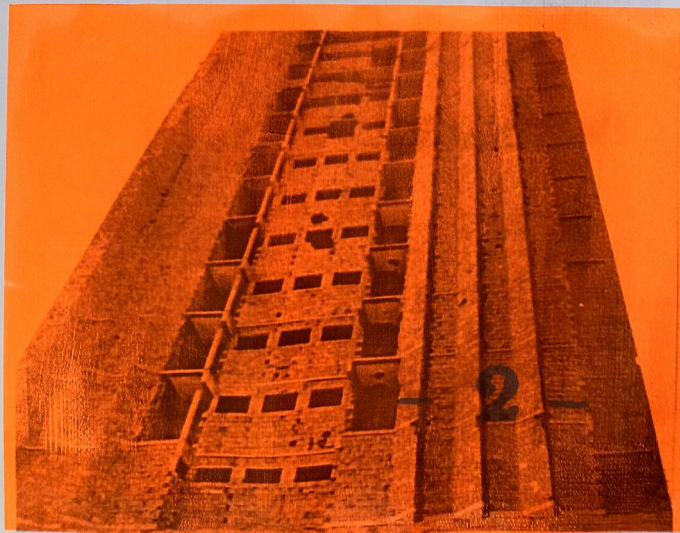
A série A Última Barreira foi criada por meio do processo fotográfico analógico combinado à impressão em serigrafia, desenvolvendo uma reflexão sobre os vestígios do passado colonial português em Angola. O artista sobrepõe rostos, paisagens, documentos oficiais e carimbos, destacando tanto a ausência do que foi apagado da história quanto a presença persistente nos próprios objetos. A série funde diferentes documentos fotográficos em camadas que revelam múltiplos níveis de leitura, permitindo diversas interpretações. As imagens não apenas expõem, mas também ocultam "o real", ressignificando narrativas e ampliando sentidos.

Angola
Residência destruída
pelos terroristas,
em Quiqueto.

Em 20/12/1962



N° 43214

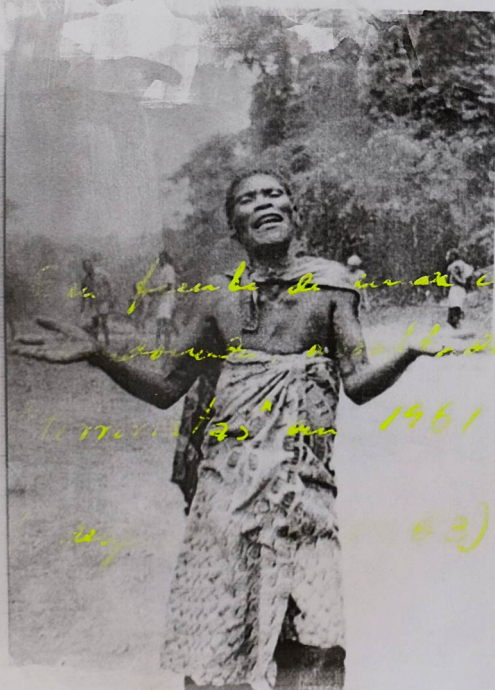


descolonização, com a aceitação desde já do direito à independência política, a proclamar em termos e data a acordar

0031



LISSOUA
11 ABR 1967
SAIDA



Em frente de uma casa
depois a multidão pelo
terminar em 1961
(03)

№ 352230-A



PTA

URGENTE

- 2 -

«Nós não lutamos contra Portugal, nós não o confundimos nunca com o colonialismo português... O que queremos é conquistar a nossa independência nacional e desenvolver relações com todo o Mundo, mas estamos dispostos a conceder prioridade ao Povo Português, porque falamos a Língua Portuguesa, porque há entre nós laços históricos.»

AMILCAR CABRAL

Infanta
D. Joana



234-961



Denilson Baniwa

Brasil, 1984

Denilson Baniwa é amazônida de origem na nação Baniwa, tem como base de trabalho a pesquisa sobre aparecimentos e desaparecimentos de indígenas na História Oficial do Brasil, ao mesmo tempo em que busca nas cosmologias indígenas e suas representações artísticas um possível método de compartilhar conhecimentos ancestrais e ao mesmo tempo criar um banco de dados com essas cosmologias como modo de salvaguardá-las.

Sinopse

Ficções Coloniais

Denilson Baniwa, como um alegorista habilidoso, embaralha referências visuais de maneira direta, apropriando-se de imagens e submetendo-as a uma prática crítica de montagem. Em sua abordagem sem disfarces ou pretensão de neutralidade, ele expõe abertamente o uso de uma mentira para revelar outras, destacando a inteligência subjacente em sua obra. “A primeira vez que me lembro de ser fotografado por alguém que não conhecia foi para performatizar uma mentira”, relembra o artista, sintetizando o olhar provocativo e questionador que permeia sua produção artística.





Roroima.





96. Die Hütten von Mauakunya.

Shinji Nagabe

Brasil, 1975

Shinji Nagabe, artista visual brasileiro de ascendência japonesa, explora temas como migração, identidade e sexualidade em sua obra. Marcado pela experiência como "dekassegui" no Japão aos 14 anos, ele aborda as complexidades da adaptação cultural e da construção identitária. Sua arte combina materiais simples e industriais, refletindo influências de sua infância humilde e desafiando normas sociais e estéticas. Combinando fotografia e jornalismo, suas obras questionam fronteiras culturais e convidam à reflexão sobre pertencimento e diversidade. Nagabe utiliza a criatividade para desconstruir estereótipos e expandir os limites da arte contemporânea.

Sinopse

Dioramas

Na série "Dioramas", o artista combina influências brasileiras e japonesas para criar cenas tridimensionais que misturam memória e identidade. Utilizando fotografias de seu arquivo, impressas em tecido, ele aplica a técnica japonesa do oshie e o rembourrage para dar volume às peças, inspiradas no acolhimento do salão da casa de sua infância em São Paulo. As obras integram insultos homofóbicos e racistas bordados, ressignificando experiências pessoais como nipo-brasileiro e gay. Feitas manualmente em Madrid, elas transformam materiais simples em narrativas profundas sobre pertencimento e resistência. A série transcende a fotografia, oferecendo uma reflexão sobre a força da imagem e a democratização da arte.

La vérité tue x Colonial

«Cuando la verdad de la historia colonial me hizo pensar en mis orígenes.»

«When the truth of colonial history made me ponder my origins.»

Arma.01 | Arma.03 | Arma.04

As últimas peças criadas para a série Dioramas são quatro fotografias em tamanho real de armas, impressas em tecido. Neste trabalho, responde-se diretamente à violência com a qual se convive hoje, seja por meio da mídia, das guerras ou dos discursos de ódio. As peças são complementadas por pequenos amuletos de proteção e cura, feitos na adolescência do artista como uma tentativa de aliviar a dor causada pelo bullying escolar que sofria. A intenção desses amuletos era curar, até que Nagabe percebeu que, no final, não era ele quem estava doente, mas o mundo ao seu redor.

Edgar Kanaykõ Xakriabá

Brasil, 1990

Edgar Kanaykõ Xakriabá é fotógrafo, antropólogo e liderança indígena brasileira, pertencente ao povo Xakriabá, de Minas Gerais. Sua obra se destaca pela etnofotografia, documentando a cultura e a vida de seu povo. Com mestrado em Antropologia Social pela UFMG, Kanaykõ utiliza as redes sociais para divulgar seu trabalho e fortalecer a visibilidade dos povos indígenas.

Sinopse

K RI - cosmo-arquitetura da Casa de Cultura do Povo Xakriabá

O fotógrafo Edgar preenche a arquitetura originária com o luar, como se marcasse um momento específico de iluminação da estrutura, criando uma conexão simbólica com a cosmologia ancestral indígena. A imagem, de forma geral, remete a um "olho cósmico" que nos envolve, despertando curiosidade sobre o lugar e a cultura inseridos nesse contexto de relação ancestral com o território do Povo Xakriabá. A fotografia, ao captar essa interação entre luz e espaço, nos convida a refletir sobre a profundidade cultural e cósmica dessa conexão ancestral com o ambiente.

Elaine Pessoa

Brasil, 1968

A artista visual vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Pós-Graduada em Fotografia pela Faap/SP, cursou disciplinas sequenciais de Artes Plásticas na Faap/SP também formada em Farmácia Industrial e Pós-graduada em Administração de Produção pela Fundação Vanzolini Poli/USP-SP. Representada pela Galeria Mario Cohen, participa ativamente de salões, festivais e bienais de gravura e fotografia. Suas obras integram coleções renomadas no Brasil e no exterior, incluindo a Pinacoteca de São Paulo e instituições no Japão, França e Itália.

Sinopse

Aratubã

Aratubã tem como ponto de partida um diálogo crítico com as imagens, em especial os desenhos científicos de paisagem, produzidos no final do século XVI até início do XIX e fotografias de seu arquivo feitas na região litorânea brasileira, primeira região de mata atlântica devastada no processo de colonização, pela extração desmedida do pau-brasil (Arabutã), o primeiro ouro brasileiro, e por introdução de plantation como cana-de-açúcar, café, entre outros. Somado à intervenção pictórica de tinta dourada que escorre pela imagem simbolizando a cicatriz causada por esses movimentos.

Evandro Teixeira
Brasil, 1935 - 2024

Baiano, Evandro Teixeira saiu de Irajuba, povoado a 307 quilômetros de Salvador, para fotografar o Brasil. E fez isso tão bem que é difícil dissociar seu nome de qualquer evento no país na segunda metade do século XX. Em quase 70 anos de atividade, 47 deles no *Jornal do Brasil*, registrou o golpe militar de 1964 e as manifestações estudantis de 1968, eternizou em imagens icônicas Pelé e Ayrton Senna, acompanhou a visita da Rainha Elizabeth e do papa João Paulo II, documentou fome e pobreza, mas também carnaval e festas populares. Política, esporte, moda, comportamento, nada escapou às suas lentes. É dono ainda de uma produção autoral importante, na qual se destaca o projeto sobre Canudos.

Sinopse

Passeata dos cem mil

As icônicas fotos da Passeata dos Cem Mil, registrada por Evandro Teixeira em 26 de junho de 1968, capturam o clímax da manifestação popular contra a ditadura militar no Brasil. Este registro se tornou símbolo visual do evento, organizado pelo movimento estudantil no Rio de Janeiro e apoiado por artistas, intelectuais e diversos setores da sociedade.

Fernando Lemos
Portugal, 1926-2019

Fernando Lemos é um artista multidisciplinar que alcançou diferente reconhecimento no país em que nasceu – Portugal – e no país que adoptou, e para o qual decidiu exilar-se voluntariamente com 27 anos de idade (1953) – o Brasil. Destacou-se na fotografia, retratando artistas do movimento surrealista português no final dos anos 1940. No Brasil, expandiu sua atuação para o desenho, pintura e ensino na Universidade de São Paulo. Em 1962, fundou a editora Giroflé, dedicada à literatura infantil, com Sidónio Muralha. Lemos publicou obras como *Cá & Lá* e *Teclado Universal*, e realizou exposições de destaque, como *À Sombra da Luz* e a retrospectiva *Fernando Lemos: mais a mais ou menos*.

Sinopse

Luz Teimosa

Luz Teimosa de Fernando Lemos é uma obra que desafia o olhar a decifrar uma imagem onde luz e sombra dialogam intensamente. A fotografia sugere um instante flutuante, como uma página entreaberta de um livro, misturando cenas de corpos, paisagens e objetos que parecem revelar segredos ao espectador. A fotografia Luz Teimosa explora esses limites entre o visível e o por vir, em composições que vão da gelatina e prata ao pigmento sobre papel algodão. É uma obra onde a imagem transcende a fotografia, provocando o público a reimaginar o que vê.

Eu (Auto-retrato)

No *Eu (Auto-retrato)* Fernando Lemos cria a imagem como expressão intensa de revelação pessoal, onde o artista explora a teatralidade e o simbolismo. Composta por múltiplas exposições no mesmo negativo, a obra combina elementos como um rosto iluminado, uma nuvem de "fumo" de lã de vidro e uma carta de Tarot (o Arcano XII - Le Pendu) para evocar temas de sacrifício e crítica política. A imagem, que Lemos desejava como foto de passaporte, revela sua visão surrealista e a subversão da representação, refletindo tanto sua resistência cultural quanto o contexto político que o afastou de Portugal.

Hilda de Paulo

Brasil, 1987

Hilda de Paulo é artista, pesquisadora, escritora, transfeminista e curadora independente. É autora do projeto Arquivo Gis, programadora do Queer Lisboa e Queer Porto, membra fundadora da Cia. Excessos e da eRevista Performatus. Tem integrado exposições coletivas nacionais e internacionais, e algumas das suas obras integram permanentemente o acervo de algumas instituições, como o da Fundação de Serralves, o da Coleção Municipal de Arte da cidade do Porto, entre outras. É também criadora da palestra-performance-oficina “O Que Vem Depois da Esperança?” (2022), da performance-instalação “algumas notas sobre pertencimento” (2024) e da palestra-performance “Emi Koyama Passou Aqui” (2024). Atualmente, é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vive e trabalha em Vila Nova de Gaia, Portugal.

Sinopse

Se Não Puder Também Dançar, Esta Não é a Minha Revolução.

A construção dessa minha frase surge a partir da afirmação “se não puder dançar, esta não é a minha revolução”, a qual é atribuída à Emma Goldman. Conceitualmente usada como epígrafe de exposição, a frase “se não puder também dançar, esta não é a minha revolução.” sugere o ato de dançar que pode tanto acontecer em frente à obra para ser registada ou só vivenciada, bem como um estímulo libertador e revolucionário, que recomende um modo de estar mais lúdico como uma guerrilha utópica em prol de mundo mais harmônico em que todos os corpos possam existir e dançar.

João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira

Portugal, 1976

Portugal, 1973

João Pedro Vale licenciou-se em Escultura na FBAUL, e estudou na Maumaus, em Lisboa. Nuno Alexandre Ferreira estudou Sociologia na Universidade Nova de Lisboa. Iniciaram a sua atividade artística no final da década de 1990, começando desde cedo a trabalhar em conjunto e realizando projetos que se destacam pela diversidade de meios, suportes e linguagens. De entre os seus projetos mais recentes, destacam-se as exposições individuais no Museu de Serralves, no Porto e na Appleton Square, em Lisboa, em 2024, na Rialto6, Lisboa, em 2022; no MAAT, Lisboa, e no Museu Marítimo de Ílhavo, Ílhavo, em 2019; na Galeria Presença, Porto, e na Galeria Cristina Guerra, Lisboa, em 2018; e a criação de um espetáculo de circo para a primeira edição da BoCA – Biennial of Contemporary Arts, em 2017. A sua obra está representada em diversas coleções nacionais e internacionais, como Tate, Fundação EDP, Fundação de Serralves, Museu do Chiado ou Fundação Calouste Gulbenkian.

Sinopse

O espetáculo Palhaço Rico Fode Palhaço Pobre, criado em 2017 para a BoCA Bienal, utiliza o circo para discutir normatividade e diferença, inspirando-se nos filmes Freaks (1932) e I Clowns (1970). Em sua cena central, uma paródia de casamento entre dois palhaços desafia convenções sobre o matrimônio e a homossexualidade em Portugal. Em uma exibição posterior no Museu de Serralves, a peça foi reinterpretada com a celebração de um casamento real, reforçando a obra como ato artístico e de afirmação dos direitos civis homoafetivos.



João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira

Portugal, 1976

Portugal, 1973

João Pedro Vale licenciou-se em Escultura na FBAUL, e estudou na Maumaus, em Lisboa. Nuno Alexandre Ferreira estudou Sociologia na Universidade Nova de Lisboa. Iniciaram a sua atividade artística no final da década de 1990, começando desde cedo a trabalhar em conjunto e realizando projetos que se destacam pela diversidade de meios, suportes e linguagens. De entre os seus projetos mais recentes, destacam-se as exposições individuais no Museu de Serralves, no Porto e na Appleton Square, em Lisboa, em 2024, na Rialto6, Lisboa, em 2022; no MAAT, Lisboa, e no Museu Marítimo de Ílhavo, Ílhavo, em 2019; na Galeria Presença, Porto, e na Galeria Cristina Guerra, Lisboa, em 2018; e a criação de um espetáculo de circo para a primeira edição da BoCA – Biennial of Contemporary Arts, em 2017. A sua obra está representada em diversas coleções nacionais e internacionais, como Tate, Fundação EDP, Fundação de Serralves, Museu do Chiado ou Fundação Calouste Gulbenkian.

Sinopse

O espetáculo Palhaço Rico Fode Palhaço Pobre, criado em 2017 para a BoCA Bienal, utiliza o circo para discutir normatividade e diferença, inspirando-se nos filmes Freaks (1932) e I Clowns (1970). Em sua cena central, uma paródia de casamento entre dois palhaços desafia convenções sobre o matrimônio e a homossexualidade em Portugal. Em uma exibição posterior no Museu de Serralves, a peça foi reinterpretada com a celebração de um casamento real, reforçando a obra como ato artístico e de afirmação dos direitos civis homoafetivos.

Jochen Moll

Alemanha, 1928-2021

Jochen Moll foi um fotojornalista alemão de destaque, cujo trabalho documentou eventos históricos e transformações sociais ao longo de várias décadas. Reconhecido por suas reportagens de cunho social e político, Moll realizou coberturas em diversos países da Europa, Oriente Médio e, posteriormente, na África. Ao longo de sua carreira, colaborou com publicações renomadas, como Neues Deutschland, Wochenpost e Neue Berliner Illustrierte, onde exerceu o cargo de chefe de fotografia.

Sinopse

Grândola

Em 1974, Jochen Moll viajou a Portugal para cobrir o período revolucionário do 25 de Abril, o que resultou em uma série de fotos emblemáticas que capturaram o espírito de liberdade e transformação daquele momento. A Revolução dos Cravos representou, para Moll, uma oportunidade de registrar as lutas e esperanças de um país em transição da ditadura para a democracia, ampliando sua perspectiva sobre as forças populares e movimentos democráticos, que já haviam sido temas de outros ensaios. O resultado foi transformado no livro 'Grândola - Reportagen aus Portugal' o qual foi retirada duas das suas imagens emblemáticas para serem expostas na biblioteca do Museu da Imagem e do Som na exposição VERMELHO VIVO.





Juca Martins

Brasil, 1949

Fotógrafo desde 1970, Juca Martins atuou como repórter fotográfico em importantes jornais e revistas do Brasil, produzindo reportagens para publicações nacionais e internacionais. Suas obras foram exibidas em diversas exposições no Brasil e em países como Espanha, França e Alemanha, além de integrar acervos renomados como o MASP e o Kunsthhaus de Zurique. Vencedor do Prêmio Esso de Fotografia e do Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, Juca publicou livros como Antologia Fotográfica e São Paulo Capital. Atualmente, coordena o grupo Fotobrasilis e ministra aulas sobre fotojornalismo.

Sinopse

Série Ditadura

Durante a ditadura militar, Juca Martins registrou momentos emblemáticos dos movimentossociais, incluindo as greves dos bancários e metalúrgicos do ABC lideradas por Luiz Inácio Lula da Silva. Na fotografia da série Ditadura, ele capturou um instante poderoso em que músicos, incluindo a cantora Elis Regina ao centro, se reuniam em um ato de resistência e luta.

Luísa Sequeira

Portugal, 1975

Luísa Sequeira é cineasta, artista visual e curadora de cinema. Com doutoramento em Arte dos Media, transita em diferentes plataformas, explorando as fronteiras entre o digital e o analógico. Trabalha com colagem, arquivo e cinema expandido. Entre os seus trabalhos destacam-se: "Rosas de Maio" "Que Podem as Palavras", "A Luz da Estrela Morta", "Quem é Bárbara Virgínia?", "Os Cravos e a Rocha", "Limite" e "All Women Are Maria". Cofundadora, com o artista Sama, da Oficina Imperfeita. Exibiu o seu trabalho em diferentes espaços: Bienal Kaunas, Bienal de Cerveira, Parque Lage, Masc Foundation em Viena, Mostra de São Paulo, IFF Roterdão, DocLisboa, Cinema Museum em Londres, New Bedford Whaling Museum, Universidade de Oxford e o Centro Audiovisual Simone de Beauvoir.

Sinopse

Fotografia "Três Marias" (1973/2024)

Em 1973, durante uma entrevista com as icônicas Três Marias — Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa —, a fotógrafa Gilda Grillo capturou um instante poderoso em uma única imagem. Décadas depois, essa fotografia se torna ponto de partida para a cineasta Lu Sequeira explorar a força das palavras e das mulheres que as transformaram em resistência e arte. Em seu filme *O que Podem as Palavras*, Sequeira intervém nesse marco histórico, entrelaçando memória, literatura e cinema para reviver e reimaginar o impacto das Três Marias.

All Women are Maria (2024)

No curta, a cineasta Lu Sequeira registra os relatos de Gilda Grillo, que em 1973 se uniu à luta das Três Marias — Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. Reconhecida pela NOW como a primeira ação feminista internacional, essa luta teve em Gilda uma figura essencial para a divulgação global do livro *Novas Cartas Portuguesas*. A obra, que desafiava convenções e denunciava opressões, tornou-se um símbolo de resistência e um marco na história do feminismo e da igualdade de gênero.

Os Cravos e a Rocha (2016)

O Cravo e a Rocha é uma imersão no dia 25 de abril de 1974, conduzida pelo iconoclasta cineasta brasileiro Glauber Rocha, que esteve em Portugal no exato momento da Revolução dos Cravos. Baseado no registro coletivo *As Armas e o Povo*, o filme revela, sob o olhar estrangeiro e singular de Rocha, os sentimentos populares desse dia emblemático na história de libertação de Portugal. Ao romper com as convenções do cinema, ele captura de forma única a energia e a esperança revolucionária que marcaram a data.

O Que Podem as Palavras (2022)

Este filme é um retrato das "Três Marias" — Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa — autoras de *Novas Cartas Portuguesas*, livro publicado em 1972 e censurado pelo regime do Estado Novo. A perseguição às escritoras provocou protestos internacionais, com apoio de figuras como Simone de Beauvoir e Doris Lessing. Com direção de Luísa Sequeira e Luísa Marinho, o filme combina entrevistas, arquivos e animações, revisitando a coragem das autoras e o impacto histórico da sua obra.

LIMITED ENGAGEMENT

Lois Sasson & Olive F. Watson present

PARTO

a Feminist Play based on

THE THREE MARIAS

by Maria Isabel
Barreno &
Gilda
Grillo

Tues., Wed.,
Thurs. &
Sun. Eves at 8 P.M.
Fri. & Sat. Eves.
at 7:00 & 10:30 P.M.
Telephone Reservations
228-8650

**Washington
Square Church**
133 West 4th Street

Poster designed by Bea Fëilner

Printed by Artcraft Lithograph & Printing Co., Inc., New York, N. Y.



Mané Pacheco

Brasil, 1978

Mané Pacheco vive e trabalha em Lisboa, onde sua formação em Conservação da Natureza e Arte Multimédia pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa se reflete em uma obra interdisciplinar. Usando instalação, escultura, fotografia e vídeo, ela explora temas ecológicos e de poder, com foco no pós-extratativismo. Seu trabalho incorpora materiais encontrados em centros de reciclagem e na natureza, abordando questões como o fetichismo, a violência e as relações entre o orgânico e o sintético.

Sinopse

Soft war

A obra *Soft War* subverte a ideia de violência ao substituir a destrutiva munição calibre .50 por um batom, mantendo a mesma dimensão. A munição simboliza resistência e luta, enquanto o batom evoca o poder feminino, a liberdade, a sedução e a igualdade de gênero. Referências à revolução não-violenta do "25 de Abril" e ao cravo na ponta da espingarda reforçam a ideia de liberdade e empoderamento. A obra sugere que a luta pela igualdade e liberdade deve continuar.



Maria Velho da Costa
Portugal, 1938-2020

Maria Velho da Costa, licenciada em Filologia Germânica, foi professora e funcionária do Instituto Nacional de Investigação Industrial, além de ter ocupado cargos culturais, como adjunta do secretário de Estado da Cultura e adida cultural em Cabo Verde. Na literatura, é uma autora de vanguarda, associando experimentação linguística a temas como a condição feminina e a crítica social. Juntamente com Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno, escreveu *Novas Cartas Portuguesas* (1972), obra de grande impacto político e cultural. Recebeu os Prémios Vergílio Ferreira e Camões, e, em 2020, foi homenageada com o Prémio Literário Maria Velho da Costa.

Sinopse

Revolução e Mulheres Maria Velho da Costa participou do programa *Perfil*, de Alexandre O'Neill e Rui de Brito, exibido pela RTP (Rádio e Televisão de Portugal) em 12 de julho de 1978. O texto se divide em sete capítulos, nos quais a autora abordou a rotina feminina, destacando a importância do trabalho doméstico e o cuidado dedicado às mulheres, que, apesar de fundamentais para a organização social, não são devidamente reconhecidas ou remuneradas. Além disso, Maria Velho da Costa ressaltou a força e a luta das mulheres por igualdade em uma sociedade patriarcal, característica da época.

Marcelo Brodsky
Argentina, 1954

Marcelo Brodsky é um artista e ativista argentino, exilado na Espanha após o golpe militar de 1976, onde estudou Economia e Fotografia. Em 1984, retornou à Argentina e começou a desenvolver projetos sobre a memória da ditadura, como a icônica série Buena Memoria (1996). Seu trabalho, que mistura fotografia, instalação e performance, foi exibido em mais de 250 locais internacionais, incluindo o MET de Nova York e o Museu Reina Sofia. Brodsky também fundou a organização Visual Action/Acción Visual e publicou livros como Buena Memoria e Tiempo de Árbol. Recebeu prêmios importantes, como o Jean Mayer Award, por sua contribuição aos direitos humanos.

Sinopse

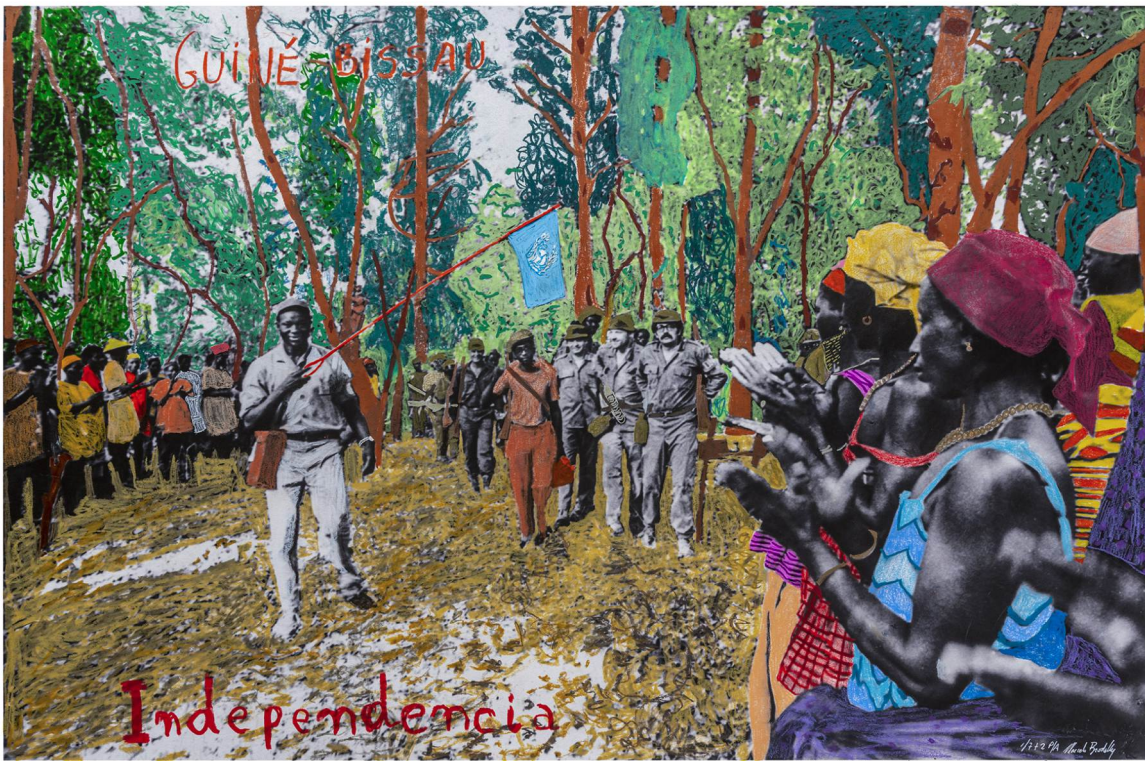
1968 o fogo das ideias

África fighting for freedom

O projeto de investigação e produção visual de Marcelo Brodsky, desenvolvido ao longo de dez anos, explora as imagens documentais e jornalísticas dos movimentos sociais e estudantis dos anos 1960 e 1970 em diversos pontos do mundo. Focado na rebeldia da juventude e na sua luta por transformações políticas e sociais, o artista intervém nas fotografias com cores vibrantes e aquarelas, trazendo uma nova camada interpretativa às cenas. Textos e reflexões poéticas acompanham as imagens, conferindo profundidade ao relato histórico. O objetivo é reavivar a memória desse período revolucionário, conectando suas lições às novas gerações por meio de uma linguagem visual e sensorial.



Após a Revolução dos Cravos em Portugal, o povo angolano começou a se manifestar exigindo a liberdade total do país. A população de Luanda, concentrada no Largo de Frente ao Palácio do Governo Colonial, se concentra para exigir a independência total e completa, após a longa guerra (1961-1974) contra o regime colonial. No 11 de novembro de 1975 assinou o tratado de Alvor que reconheceu a Angola independente. Foto: Lúcia Guimarães. Arquivo Getty Images



La Asamblea Nacional del Partido por la Independencia de Guinea y Cabo Verde se reunió en la región de Bae, en el suroeste del país, y declaró la Independencia de Guinea-Bissau el 24 de septiembre de 1973, lo que fue reconocido en noviembre de ese mismo año por la Asamblea General de las Naciones Unidas. El PAIGC ya ocupaba prácticamente la mayor parte del país. Foto: Gilles Aron. Archivo American Cabral, Fundação João Soares.



Em Setembro 6, 1974 teve lugar uma manifestação de apoio à Frelimo (Frente pela Libertação de Moçambique) em Lisboa, em frente ao estádio da Machada. Nesse momento decorriam negociações entre o governo português e a Frelimo em Luanda, em Zambézia que culminaram com a assinatura dos "Acordos de Lusaka" que levou à independência de Moçambique. Foto de João Costa (Funcho). Maxilo Emboly 1/2 74

Miguel Ângelo Marques
Portugal, 1994

Miguel Ângelo Marques é um pintor figurativo que vive e trabalha no Porto, concluiu o mestrado em Artes Plásticas na Escola de Artes e Design das Caldas da Rainha (2023) e a Licenciatura pela mesma instituição (2016). Trabalha a partir de uma combinação de fontes de arquivo, ficção e memória, as suas composições reescrevem imagens canônicas para imaginar tanto um sujeito como um espectador diferentes. Estes temas são representados numa paleta de cores rica, com uma atenção à luz e ao espaço que confere à obra uma profundidade e narrativa psicológica, estes detalhes conduzem o espectador para além da obra e ativam a sua própria imaginação.

Sinopse

Transformando as imagens do meu quotidiano

O manifesto ecológico de Alberto Carneiro, que afirma "A arte faz-se para transformar as imagens do quotidiano", reflete-se na obra inédita apresentada por Miguel Ângelo Marques em *Vermelho Vivo*. As 8 pinturas selecionadas mantêm um diálogo com temas recorrentes em sua pintura, como o animismo místico e a imagem da serpente, que conectam o perspectivismo ameríndio a rituais antigos. A ideia de retorno à origem, presente no pensamento de Carneiro, também é abordada, destacando a relação do homem com a natureza. Esta seleção é um manifesto para o renascimento da alegria do natural e o reencontro com o primitivismo místico.

Nuno Nunes Ferreira

Portugal, 1976

Nuno Nunes Ferreira é um artista contemporâneo que se destaca pela exploração visual e pelo diálogo com questões sociais, culturais e é reconhecido por suas obras que abordam temas de identidade, memória e transformação. Entre suas exposições individuais mais recentes estão "Tan nuevo y tan cerca" (2024) e "Ano Sabático" (2024). Participou de diversas exposições coletivas, como "Esto es lo verdadero" no Centro Cultural de España (2024) e "Herança" no Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (2021). Seu trabalho está presente em coleções de prestígio, como a Fundação Calouste Gulbenkian e a Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português.

Sinopse

Discursos de Salazar #2

A memória da propaganda dessa instalação é resgatada no presente através da apresentação dos volumes completos dos Discursos e Notas Políticas, publicados entre 1945 e 1967 pela Coimbra Editora. A obra, intitulada Discursos de Salazar, reúne os seis volumes, que são perfurados por um buraco, simbolicamente esvaziando as ideias que originalmente transmitiam.

Coletivo Oficina Arara
Portugal

OFICINA ARARA – ARENA DE CRIAÇÃO E OUTRAS CURVATURAS

O coletivo fundado em 2010, sediado no Porto, é um laboratório de experimentação artística focado na serigrafia e na produção de múltiplos. Funciona como um espaço autônomo que conecta o desenho à impressão, ampliando sua ação em eventos de encontro e catarse coletiva. Suas criações incluem cartazes, livros e performances, estabelecendo parcerias com grupos artísticos e festivais internacionais. Ao longo dos anos, reuniu uma equipe rotativa de artistas que desenvolvem uma abordagem visceral e comunitária da arte. Ações como rituais visuais e sonoros reforçam seu vínculo com o território e a experimentação gráfica.

Sinopse

Cortar a manta e pintar os retalhos, colar tudo com almoço e costura. De dentro para fora e a todo o comprimento, arma-se a esparrela, metendo os pés pelas mãos. Uma anta é uma anta e trabalho é trabalho. Há antas que trabalham e trabalhos que são antas. E agora? Vivemos o PREC, às vezes; à sobremesa, café com cheirinho, quase sempre. A casa continua a arder. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Olinda Tupinambá

Brasil, 1989

Olinda Tupinambá é uma multiartista graduada em Comunicação Social, destacando-se como produtora cultural, performer e realizadora audiovisual. Seu trabalho usa o corpo como uma ferramenta política, abordando questões ambientais e a relação do homem com a natureza. Desde 2015, produziu e dirigiu 10 obras audiovisuais próprias, além de curadoria e produção de festivais, como o Cine Kurumin e o FeCCI. Em 2024, participou da 60a Bienal de Veneza com a obra Equilíbrio e foi indicada ao prêmio Pipa. Também integrou o grupo de pesquisa "Culturas de Antirracismo na América Latina" (CARLA-UFBA).

Sinopse

Ibirapema é uma obra cinematográfica resultante do projeto artístico de Olinda Tupinambá, que explora a interação intercultural e como os encontros transformam nossa maneira de ver e estar no mundo. Viajando entre o mundo mítico e o mundo cotidiano, Ibirapema, uma indígena Tupinambá, se transmuta e percorre o espaço e o tempo em um diálogo com a arte ocidental, a cidade e seus espaços de concreto e suas florestas domesticadas. Esse filme contemporâneo reflete sobre identidade e conexão entre culturas distintas, revelando novas formas de ocupar o mundo.









Oswald de Andrade

Brasil, 1890-1954

Oswald de Andrade foi escritor e dramaturgo brasileiro, uma das principais figuras do modernismo no Brasil. Conhecido por seu espírito irreverente e combativo, tornou-se uma liderança central na vida cultural brasileira do século XX. Sua obra é marcada por um nacionalismo crítico, que valoriza as origens culturais brasileiras enquanto ironiza e parodia o processo de colonização. Andrade defendia a atualização da história e da cultura nacional de forma criativa e crítica.

Sinopse

Manifesto Antropofágico

O Manifesto Antropofágico, escrito por Oswald de Andrade em 1928, apresenta a proposta central do movimento antropofágico brasileiro, defendendo a "digestão" crítica das influências estrangeiras. Publicado na primeira edição da Revista de Antropofagia, o texto usa uma linguagem metafórica e aforismos poéticos repletos de humor para afirmar a necessidade de um nacionalismo radical. Andrade propõe a ideia de que o Brasil deve "devorar" a cultura europeia para recriar uma identidade genuinamente brasileira, marcada pela irreverência e pela subversão das convenções estabelecidas.

Revista de Antropofagia

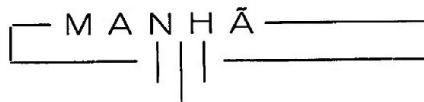
Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269

— SÃO PAULO

ABRE-ALAS



Nós eramos xifópagos. Quasi chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo figado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, principio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aquí se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

Antônio de Alcântara Machado.

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá
Deixando por tudo uma presença de agua
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarrando no folhedo das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos barcos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

Rafael Bordallo Pinheiro

Portugal, 1846-1905

Rafael Bordallo Pinheiro foi um artista multifacetado e inovador português, atuando nas áreas de artes gráficas, cerâmica, desenho e decoração. Nascido em Lisboa, fez parte da Geração de 70 e usou o humor e a caricatura para criticar a sociedade de seu tempo refletindo com precisão a vida cultural, política e social do século XIX em Portugal. Influenciado pela mudança social e tecnológica do período, foi pioneiro no desenho humorístico e no cartoon como forma de expressão artística. Fundou periódicos e utilizou a imprensa para defender seus ideais.

Sinopse

Herança Histórica - banquete de antropofagos

O desenho publicado na revista *A Paródia* (14/03/1900) satiriza a política colonial portuguesa, mostrando um banquete na selva onde políticos, representados como indígenas, se deliciam com as colônias enquanto observam um "Bezerro de Ouro". Ao fundo, figuras como John Bull e Cecil Rhodes assistem à cena. A obra faz referência a um discurso da Câmara dos Deputados, onde se debate a venda das colônias, com críticas sobre a exploração e o risco de desvio dos recursos e uma resposta à proposta de Ferreira de Almeida sobre a venda das colônias improdutivas.

A HERANÇA HISTORICA



Banquete de antropofagos

Rita Barros
Lisboa, 1957

Rita Barros é fotógrafa portuguesa, radicada em Nova Iorque desde 1980, com mestrado em Arte em Mídia pela NYU/ICP, onde atualmente leciona. Iniciou sua trajetória expositiva em 1987 no PS1 Contemporary Arts Center, em Nova Iorque e desde então tem sido uma presença constante no cenário internacional de fotografia. Sua carreira inclui exposições em importantes instituições como o Museu de Serralves, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e o Museu da Água em Lisboa. Autora do livro *Fifteen Years: Chelsea Hotel* (1999), seu trabalho foi tema de uma edição retrospectiva da coleção PH em 2023.

Sinopse

Flowers

Na série *Flower*, Rita Barros utiliza flores plásticas como um poderoso símbolo feminista de resiliência. Ao subverter as noções tradicionais de feminilidade associadas à fragilidade, ela transforma o que é visto como artificial em algo duradouro e forte. As flores representam a resistência das mulheres em um mundo marcado pela violência e pela divisão. A obra revela que, assim como as flores, a feminilidade pode florescer de maneiras inesperadas, trazendo consigo simbolismos de renovação, compaixão e esperança. É um lembrete do espírito indomável das mulheres, que, mesmo subestimadas, continuam a prosperar.













Rosa Gauditano

Brasil, 1955

É Fotógrafa desde 1976. Formada em Vídeo Digital (UNIP). Trabalhou como fotógrafa e editora no jornal Versus, Folha de São Paulo e revista Veja. Fundou a agência Fotograma e Studio R, onde hoje trabalha com projetos de documentação e cultura brasileira. Participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil, Londres, França, México, Rússia, Itália, USA e China. Publicou os livros Índios os Primeiros Habitantes, Raízes do Povo Xavante, Guaranis M'Byá na Cidade SP, Povos indígenas no Brasil, Saltillo, Festa de Fé, Forbidden Lives e A Mesma Luta, que recebeu prêmio de melhor livro autoeditado no PhotoEspaña em 2022. Participou da 35a Bienal de SP, 2023/2024. Tem trabalhos nos acervos da Biblioteca de Paris/França, Centro de la Imagem/México, Cinemateca de Monterrey/México, Museu da Solidariedade/Chile, Museu de Arte de São Paulo, Museu da imagem e do Som/SP, Museu Afro-Brasil/SP e Museu de Fotografia de Curitiba.

Sinopse

Yanomami com Beija-flor

O Yanomami com beija-flor nos traz um momento mágico do ser humano em simbiose com a natureza. A tranquilidade do jovem Yanomami com o toque do beija-flor nos transmite um momento de serenidade e beleza. Assim é o povo Yanomami. Essa foto traduz toda a singeleza dos povos indígenas, na sua essência e ingenuidade.



Ruca Bourbon

Portugal, 1977

Ruca Bourbon a.k.a. Doutor Urânio, artista plástico, licenciado na Faculdade de Belas artes do Porto e sediado nesta cidade, explora o fragmento, o desperdício e o obscuro recombinação-os em múltiplos formatos, tais como a fotomontagem, a assemblage, a instalação ou a colagem sonora. Para além da criação bidimensional, a sua produção artística desdobra-se por múltiplas plataformas: CRIPTOPORTO -Necropsia de uma Cidade; DJ Urânio & Albert Tannat - Mistura explosiva entre a performance, a rave e o circo; Bazar Esquisito - Canal Youtube de arquivo videográfico encontrado; Radio Sonoplasmática - Conjugação do fragmento sonoro com a música Invulgar;

Sinopse

25 de Abril, Estilhaços Duma Revolução

Transmissão radiofônica que joga com elementos áudio recolhidos de material de arquivo relativo à época da revolução do 25 de Abril abordando territórios da Guiné Bissau, Portugal, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique. Despontar Sublevado Transmissão Videográfica que joga com elementos vídeo recolhidos de material de arquivo relativo à época da revolução do 25 de Abril abordando territórios da Guiné Bissau, Portugal, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

Soraya Vasconcelos

Portugal, 1977

Soraya Vasconcelos é artista visual, docente de fotografia na Universidade Lusófona e pesquisadora no Centro para Outros Mundos (COW). Doutora em Comunicação, Cultura e Artes pela UAlg, sua pesquisa se concentra na análise crítica e decolonial dos arquivos fotográficos e cinematográficos coloniais. Participou do projeto Photo Impulse e co-curou a exposição O Impulso Fotográfico no Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Sua prática abrange fotografia, desenho e produção de livros, com um foco crescente em métodos colaborativos e interdisciplinares.

Sinopse

O Festim

A obra O Festim parte de uma fotografia de 1914, tirada durante uma missão de delimitação de fronteiras entre Angola e Congo, mostrando um almoço entre oficiais portugueses e belgas, com um servo negro ao fundo. A partir do negativo original, o artista recupera e reinterpreta as feições do homem invisível na imagem, utilizando colagens, fotografia e animação. O trabalho explora a história do colonialismo, refletindo sobre dinâmicas de poder, cultura e os fantasmas que ainda persistem. A obra também se desdobra para um experimento na web denominado Daemonicycles.

Tales Frey
Brasil, 1982

Tales Frey é um artista transdisciplinar representado pela Galeria Verve (SP) e pela Shame Gallery (Bruxelas). Pós-doutorando no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal, é professor e investigador auxiliar na mesma instituição. Tem doutorado em Estudos Teatrais pela Universidade de Coimbra e mestrado em Teoria e Crítica da Arte pela Universidade do Porto. Publicou textos críticos para instituições como a Caixa Cultural do Recife e o SESC Pompéia. Além disso, é especializado em Práticas Artísticas Contemporâneas e Direção Teatral.

Sinopse

Scissiparity "Sissy" é um termo pejorativo usado para rotular um indivíduo como afeminado. Em biologia, cissiparidade (scissiparity) refere-se à divisão de uma única célula em duas. Nesta criação, apresento o meu próprio corpo adornado com acessórios ditos femininos em uma cultura cisheteronormativa, provocando a ilusão de que, a partir de um único corpo "sissy", outros corpos despontam através de bipartição.

Tapete Vermelho

Tapete Vermelho consiste em um único indumento para ser usado por duas pessoas ao mesmo tempo, impondo a condição escultórica aos que partilham o tempo de três horas num mesmo espaço expositivo, onde a comunhão dos corpos alude ao convívio entre existências diversas, igualando singularidades em importância por meio da ênfase das suas diferenças. Composições corpóreas são alteradas em movimentos extremamente lentos (por vezes quase estáticos) e, deste modo, surge uma qualidade de dança à obra.











Túlia Saldanha
Portugal, 1930-1988

Túlia Saldanha foi uma das pioneiras da arte contemporânea em Portugal, explorando performance, instalação e ambientes, além de desenho e pintura. Sua obra, profundamente autobiográfica, mistura memórias pessoais e vivências sociais de Trás-os-Montes, mas sem cair no saudosismo. Caracteriza-se pelo uso de cor preta, objetos queimados, caixas, assemblages em malas de viagem e instalações-ambiente. A criação de Saldanha reflete um caráter transformador e libertador, com marcas autorais que questionam a vida e a identidade. Seu trabalho é uma reflexão constante sobre si mesma e o sentido da existência.

Sinopse

Sala de descompressão

A Sala de Descompressão é uma criação de Túlia Saldanha, parte de uma série de espaços lúdicos desenvolvidos pela artista para desestabilizar as realidades opressivas impostas pelo regime ditatorial salazarista. A obra busca a descompressão e a libertação do corpo, permitindo que o espectador se torne parte integral da obra e de seu movimento. A sala é composta por um piso espumado e um monte de papéis descartados, cortados em fitas, que adicionam uma dimensão tátil e sensorial à experiência.

Vitor Martins

Brasil/Portugal, 1990

Vitor Martins é artista, pesquisador, fotógrafo e videomaker, cuja prática transita entre as artes visuais e o audiovisual. Natural de Taguatinga, no Distrito Federal, atualmente vive, estuda e trabalha no Rio de Janeiro. Sua obra investiga as relações entre imagem, tempo, utopia e negritude, explorando questões sociais, históricas e culturais a partir de uma perspectiva crítica e poética.

Sinopse

Bruto

Bruto é um grande projeto imagético que comunga, em diferentes formatos e suportes, imagens de autoria própria com imagens do arquivo da CIA portuguesa de extração de diamantes em Angola durante o período colonial: DIAMANG. Colidas, selecionadas e cedidas pelo Museu Nogueira da Silva em Braga-PT. Tentando, pela escavação do arquivo, atravessar Arte, Imagem, colonialismo e negritude.

REALIZADORES

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

O Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS CE) é um museu laboratório que atua de forma interdisciplinar.

A instituição busca ampliar o acesso da sociedade ao acervo audiovisual, fotográfico e sonoro do Ceará, que conta com itens em diversos suportes (físicos e digitais).

O MIS CE é um espaço de educação não formal que estimula e desenvolve pesquisas e atividades científico-culturais, artísticas, educacionais e formativas para reconhecer e divulgar o patrimônio material e imaterial em combinação com o imaginário das comunidades cearenses.

O MIS CE atua ainda na preservação, difusão e pesquisa da memória audiovisual do Ceará, com ênfase em cultura, artes visuais, antropologia, história, política, ciência, tecnologia e tradições populares.

Integra a Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Ceará (RECE) e é gerido em parceria com o Instituto Mirante.

FESTIVAL SOLAR

É comum dizer que o Ceará é a "Terra da Luz". O termo deve-se ao pioneirismo na abolição das pessoas escravizadas no Brasil e pode ser associado, ainda, à luminosidade do território, símbolo potente que faz da luz um caminho de expressão artística, de construção de memória e de transformação social.

Com importante patrimônio histórico e cultural, o Ceará é terra de fotógrafos, fotógrafas e de artistas visuais que tornam a região um lugar propício para a realização do Fotofestival SOLAR.

retirado de <<https://www.solarfotofestival.com/2022/solar/o-festival>>

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA

O Arquivo Municipal de Lisboa encontra-se sob a gestão da Divisão de Arquivo Municipal, serviço que está organicamente integrado no Departamento de Património Cultural, da Direção Municipal de Cultura, no Pelouro de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa. Possui aproximadamente 37 500 metros lineares de documentação relativa à memória da cidade, em diversos suportes e tipologias documentais (gráfica e textual, cartográfica e arquitetónica, fotográfica e videográfica), encontrando-se instalado em três espaços localizados em diferentes zonas da cidade (Campolide, rua da Palma e largo do Calvário). Presta internamente serviços técnicos especializados nas áreas de gestão da documentação e da informação, acompanhando o ciclo de vida dos documentos municipais, desde a produção, passando pela organização, descrição, avaliação, conservação e, por fim, a sua divulgação.

retirado de <<https://arquivomunicipal.lisboa.pt/sobre-nos/quem-somos>>

BPK-BILDAGENTUR:

CULTURAL TREASURES FOR CREATIVE MINDS

A bpk Bildagentur für Kunst, Kultur und Geschichte é uma das maiores agências de imagens do campo cultural, oferecendo fotos de obras de arte e tesouros das coleções da Fundação Preußischer Kulturbesitz (SPK), bem como de outras importantes coleções ao redor do mundo. Com um acervo de mais de 12 milhões de imagens, a agência se destaca pela excelência na reprodução de objetos e imagens históricas, além de manter uma vasta coleção fotográfica de temas relacionados à história alemã. Entre suas parcerias exclusivas estão instituições renomadas como o Museu Britânico e o Museu Metropolitano de Arte em Nova York. A agência também disponibiliza imagens para usos editoriais e comerciais e oferece novos registros fotográficos de peças ainda não documentadas.

retirado de <<https://www.preussischer-kulturbesitz.de/en/newsroom/image-service/photos-for-commercial-use.html>>

CENTRO DE ARTE MODERNA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

O CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian é um centro de arte e cultura com uma coleção de arte moderna e contemporânea que inclui a maior representação de artistas portugueses até à data. Idealizado pelo primeiro presidente e fundador da Fundação Calouste Gulbenkian, José de Azeredo Perdigão, e pelo seu Conselho de Administração, o CAM abriu as portas na sua versão original, com projeto de Sir Leslie Martin, em julho de 1983. O seu edifício, redesenhado integralmente por Kengo Kuma & Associados, foi inaugurado em setembro de 2024. Concebido em 1956 como espaço para acolher uma coleção de arte moderna e contemporânea, o CAM possui a coleção com maior representação de artistas portugueses dos séculos XX e XXI reunida até

hoje. Pretendia-se, também, que o CAM funcionasse como local de apresentação do trabalho de artistas emergentes em todas as suas formas, daí o seu nome: Centro de Arte Moderna. O CAM tornou-se, naturalmente, sede do ACARTE, um programa multidisciplinar de vanguarda lançado em 1984 por Madalena de Azeredo Perdigão. Inserido num novo jardim desenhado por Vladimir Djurovic, o novo CAM acolhe várias apresentações da sua Coleção, bem como exposições temporárias de artistas emergentes e consagrados, alguns dos quais mostrados pela primeira vez em Portugal. Para além dos seus espaços de exposição originais, o CAM propõe também uma galeria dedicada à arte sonora e outra com obras em papel. Um espaço de Reservas Visitáveis, adjacente à nova Galeria da Coleção, apresenta uma seleção variada de obras do acervo num contexto mais informal. Com a abertura, o CAM orgulha-se também de oferecer um programa abrangente de Live Arts, refletindo a eclética produção artística da atualidade, bem como um Espaço Educativo e muitos projetos participativos.

retirado de <<https://gulbenkian.pt/cam/sobre/>>

CINEMATECA PORTUGUESA

A Cinemateca Portuguesa é uma instituição pública dedicada à difusão e preservação da arte cinematográfica e, em especial, do Cinema Português. Foi criada em 1948, em Lisboa, onde se mantém até hoje (presentemente, com instalações na rua Barata Salgueiro). A Cinemateca organiza ciclos de cinema e exposições, dispondo ainda de um Museu do Cinema, arquivos, biblioteca, livraria e bar-restaurante. O Arquivo Nacional de Imagens em Movimento (ANIM), encontra-se sob a sua alçada. retirado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cinemateca_Portuguesa> INSTITUTO MOREIRA SALLES - IMS PAULISTAO Instituto Moreira Salles é uma instituição cultural que existe desde 1992 e tem sede em três cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Poços de Caldas. Tem sob sua guarda um importante acervo dividido em quatro áreas: Fotografia, Música, Iconografia e Literatura. O IMS promove exposições de fotografia e artes visuais, além de mostras de cinema, apresentações musicais e outros eventos. Sua Biblioteca de Fotografia, especializada em livros desse campo, é uma iniciativa única no Brasil e está localizada no centro cultural de São Paulo, onde promove exposições bibliográficas, cursos e palestras, e possui um acervo que abrange desde catálogos e revistas de importância histórica até fotolivros e zines recém-saídos da gráfica.

compartilhado pelo Curador Miguel Del Castillo

MUSEU DA FOTOGRAFIA DE FORTALEZA

O Museu da Fotografia Fortaleza é um espaço disseminador da cultura em nossa cidade. O equipamento é administrado pelo Instituto Paula e Silvío Frota, detentor de uma das mais tradicionais coleções de fotografia do Brasil, abrindo seu acervo e instalações para os olhos e sentidos do público. Como espaço cultural, reúne e divulga

obras do mundo inteiro para a apreciação plena da arte fotográfica. Como ferramenta educativa, ensina e incentiva a percepção, produção, profissionalização e evolução do olhar por meio de projetos, cursos e eventos diversos. Desde sua inauguração, em março de 2017, o Museu tem a educação como um dos principais interlocutores do equipamento com a comunidade.

retirado de <<https://museudafotografia.com.br/institucional/>>

RTP: RÁDIO E TELEVISÃO PORTUGUESA

A história da empresa Rádio e Televisão de Portugal praticamente que se confunde com a História de Portugal nas últimas oito décadas. Com um passado que remonta pelo menos ao início da atividade da Emissora Nacional em 1935 e da Radiotelevisão Portuguesa em 1957, se bem que num e noutro caso as emissões experimentais tenham tido lugar algum tempo antes, o longo percurso da RTP sempre se fez com e para os portugueses. Nesta coleção recordamos aquelas que foram as etapas principais deste trajeto a dois, abrindo janelas para o mundo, procurando informar e documentar, educar e entreter, sempre na consciência da grande responsabilidade que nos cabe, enquanto prestadores de serviço público sério e credível, e que o país reconhece como uma marca forte da nossa identidade. No momento em que tantos desafios se colocam pela frente, importa mais do que nunca conhecer esse passado para, com a certeza de que o caminho se faz caminhando, continuarmos a construir o futuro.

retirado de <<https://arquivos.rtp.pt/colecoes/historia-da-rtp/>>

VERMELHO

AMOR E RE

RMELHO V

R E REVOL

OR E REVOLV

RMELHO V

GOVERNO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
Governador do Ceará

Jade Afonso Romero
Vice-Governadora do Ceará

Luísa Cela de Arruda Coelho
Secretária da Cultura do Ceará

Rafael Cordeiro Felismino
Secretário Executivo da Cultura do Ceará

Geciola Fonseca Torres
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

Caio Anderson Feitosa Carlos
Coordenador da Rede Pública de Equipamentos Culturais do Ceará (Copec)

Jéssica Ohara Pacheco Chuab
Coordenadora de Patrimônio Cultural e Memória (Copam)

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
Diretor-presidente
João Wilson Damasceno
Diretor Executivo
Charlene Régis
Superintendente Administrativo Financeiro
Camila Rodrigues
Assessora de Ação Cultural
Dione Silva
Assessora de Políticas Afirmativas e Articulação Comunitária
Fernanda Cavalli
Assessora de Comunicação
Iana Soares
Assessora de Formação
Abilio Oliveira
Gerente de Planejamento
Amanda Lima
Gerente de Projetos Especiais e Governança
Evelma Taveira
Gerente de Departamento Pessoal
Isabel Ferreira Lima
Gerente de Experiência e Linguagem
Natasha de Paula
Gerente de Tecnologia e Inovação
Renata Duarte Gerente de Operações e Serviços
Vinício Brígido
Gerente de Desenvolvimento Humano

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM CHICO ALBUQUERQUE

Silas de Paula
Diretor
Natasha Faria
Diretora Executiva
Ligiane Viana
Secretária
Aline Albuquerque
Gerente de Difusão e Ação Cultural
Analine Fernandes
Coordenadora Administrativa Financeira
Angelique Abreu
Coordenadora Operacional
Cristiane Bonfim
Gerente de Comunicação
Kennya Mendes
Gerente de Educação Formação
Leliana Lopes
Gerente de TI
Ricardo de Avelar
Gerente de Projetos Especiais
Sandra Regina
Gerente de Acervo e Pesquisa

GERÊNCIA DE ACERVO E PESQUISA

Sandra Regina de Jesus - Gerente
Eliene Magalhães - Coordenadora de Pesquisa
Charlyne Moraes - Analista de Catalogação, Documentação e Gestão de Acervo
Gabrielle Duarte Peccini - Estagiária
Gisele Inácia - Estagiária
Jorge Lopes - Museólogo
Lucas Rodrigues - Estagiário
Raimundo Batista - Técnico Especialista de Documentação, Catalogação e Gestão de Acervo
Simone Lopes - Técnica Especialista de Documentação, Catalogação e Gestão de Acervo
Sofia Cosmo - Estagiária
Victoria Girlen - Estagiária

Biblioteca Marly Mariano & Thomaz Farkas
Leilane Lucena - Bibliotecária
Aline Lima - Estagiária
Caroline Aguiar - Estagiária
Ivan Ribeiro - Analista de Biblioteca

LABORATÓRIO DE PRESERVAÇÃO CONSERVAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO

César Barreto - Gerente

Alan Emmanuel - Técnico Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Camile Abreu Aragão de Lima - Estagiária

David Felício - Técnico Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Gabriela Dantas - Técnica Especialista de Preservação, Conservação e Digitalização

Gabriel Mendes - Analista de Preservação, Conservação e Digitalização

Ítalo de Sousa - Estagiário

Mariano Batista Mariano - Estagiário

GERÊNCIA ADMINISTRATIVA FINANCEIRA

Analine Fernandes - Coordenadora

Maria Cardoso - Analista

Ronalice Firmino - Analista

GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Cristiane Bonfim - Gerente de Comunicação

Camile Queiroz - Coordenadora de Comunicação

Caio Alves Lima - Estagiário

Deivyson Teixeira - Fotógrafo

Marcus Monteiro - Designer

Natália Magalhães - Videomaker

Wlândia Costa - Técnica Especialista de Mídias Sociais

GERÊNCIA DE DIFUSÃO E AÇÃO CULTURAL

Aline Albuquerque - Gerente

Juliana Lins - Coordenadora de Produção

Ana Letícia Sobral Coelho - Estagiária

Antônio Breno - Galerista

Dyego Ferrugem Técnico de Iluminação

Jeff Santos - Estagiário

Georgiane Carvalho - Assistente de Produção

Gil Sousa - Técnico de Audiovisual

Márcio Paiva - Técnico de Sonorização

Marcos André - Técnico de Edição de Som e Imagem

Pedro Felipe - Produtor e Programador Cultural

Priscila Araújo - Técnica de Iluminação

Rafael Aires - Galerista

Tiago Campos - Engenheiro de Som

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Kennya Mendes - Gerente
Yan Belém - Coordenador
Aires - Arte - Educadora
Caroline Rodrigues - Arte-Educadora
Elen Andrade - Arte-Educadora
Francisca Silva - Auxiliar Educativo
Garu Pirani - Auxiliar Educativo
Hitalo Pandit - Arte-Educador
Julianne Pinheiro - Auxiliar Educativo
Keli Pereira - Auxiliar Educativo
Mikael da Silva - Intérprete de Libras
Nair Beatriz - Auxiliar Educativo
Naiany Menezes - Auxiliar Educativo
Nicolle Campos - Intérprete de Libras
Rebeca Elói - Auxiliar Educativo
rømã - Auxiliar - Educativo
Sam Célio - Auxiliar Educativo
Val Araújo - Auxiliar Educativo
Viviane Lima - Arte-Educadora

COORDENAÇÃO OPERACIONAL

Angelique Abreu - Coordenadora Operacional
Aládia Vieira - Recepcionista
Antônio Jefferson da Silva - Assistente Operacional
Gabriella Silva - Recepcionista
Israel da Silva Lima - Eletricista
Karoline Vinuto - Recepcionista
Paloma Souza - Recepcionista
Paulo Cássio Cardoso de Oliveira - Pintor
Reginaldo da Silva - Auxiliar de Manutenção
Thalys Wendel Borges da Silva - Auxiliar de Manutenção

GERÊNCIA DE PROJETOS ESPECIAIS

Ricardo de Avelar - Gerente
Willder Azevedo - Desenvolvedor

GERÊNCIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Leliana Lopes - Gerente de TI
Allan Oliveira - Analista de Helpdesk
Caio Victor Brito - Técnico de Broadcasting
Jean Oliveira - Analista de Infraestrutura e Redes

EQUIPE TERCEIRIZADA

Adriano da Silva Brito - Segurança
Ana Lúcia Moraes do Valle - Auxiliar de Serviços Gerais
Anne Kamila Teixeira da Costa - Auxiliar de Serviços Gerais
Antônio Raimundo Mariano Luís - Auxiliar de Serviços Gerais
Bruno Giordano do Nascimento - Brigadista
Carlos Antônio Paulino Queiroz - Segurança
Denilson Rodrigues de Lima - Apoio
Elenilson Oliviera da Silva - Segurança
Francisco César Batista - Segurança
Francisco Jeová Rodrigues - Segurança
Genice Pinto Sousa - Brigadista
Janaína Cibele Correia Marques - Brigadista
Jarison Neres de Sousa - Segurança
Jemima Quezia Sousa Paula - Brigadista
Joabne de Souza Santos - Apoio
José Anselmo do Nascimento Neto - Segurança
José Belvandi Alencar de Freitas - Brigadista
José Emerson de Sousa Araújo - Segurança
Jucirlan da Silva - Segurança
Laís Rodrigues de Sousa - Brigadista
Luís Paulo Xavier de Sousa - Segurança
Maíara Teixeira de Sousa - Auxiliar de Serviços Gerais
Manoel Alcântara Moreira - Segurança
Marcos Antônio de Sousa Costa - Segurança
Maria Melo - Supervisora Interativa
Paulo Henrique Mota de Castro - Segurança
Robervan Rocha Honorato - Segurança
Romário Matos da Costa - Segurança
Wellington de Almeida Paula - Segurança

FOTOFESTIVAL SOLAR

Realização
INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE



Tiago Santana
Idealização e Direção Artística
Ana Soter
Iana Soares
Isabel Santana Terron
Uliana Lima
Coordenação Geral

Ângela Berlinde
Consultoria Artística

Ângela Berlinde
Diógenes Moura
Fernanda Siebra
Eduardo Brandão
Iana Soares
Isabel Santana Terron
Luciana Molisani
Orlando Maneschy
Thyago Nogueira
Gerência de Memória e Patrimônio do Centro Cultural do Cariri
Curadores das Exposições

Luciana Molisani
José Fujocka
Parceria SOLAR/IMAGINÁRIA

Ana Soter
Isabel Santana Terron
Coordenação Executiva

Léo Porto Carrero
Coordenação Técnica e de Montagens

Soma Produções
Hélia Alencar
Izabel Lima
Juliana Guedes
Produção Executiva

Iana Soares
AD2M Comunicação - Assessoria de Imprensa
Marina Holanda - Mídias Sociais
Comunicação

Lovely House
Livraria Solar

Valentino Cabanillas Kmentt
Coordenação de Projeção

Estúdio Voa
Audiovisual

Soter Design/Ana Soter
Guilherme Kato - Assistente
Pedro Savir - Assistente
Design

Willder Azevedo - Desenvolvedor MIS
Aplicativo Solar

Prodacy Soares - Desenvolvedor
Website Solar

FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

CURADORIA

Ângela Berlinde

CO-CURADORIAS

Fabiana Bruno em Coração na Aldeia, Pés No Mundo

José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques em Portugal Ano Zero

Miguel Del Castillo em Papel e Chumbo

Paula Guerra em Para Romper com o Silêncio

COORDENAÇÃO E EXECUÇÃO

D.Rocha Studio LTDA

André Scarlazzari

PROJETO EXPOGRÁFICO

ASSISTÊNCIA DE CURADORIA

Marinah Raposo

COMUNICAÇÃO VISUAL

Diego Ribeiro

Gabriel Carvalho

Iane Rocha

LUMINOTÉCNICO

André Scarlazzari

Dora Coelho

SUPERVISÃO DE MONTAGEM

D.Rocha Studio LTDA

André Scarlazzari

Dora Coelho

PRODUÇÃO

Glauber Matos

ASSISTÊNCIA DE EXPOGRAFIA

Isabel Scarlazzari

Camila Schreiber

PROJETOS INTERATIVOS

Camila Schreiber

Isabel Scarlazzari

Pedro Lides

Erick de Oliveira

REVISÃO DE TEXTO

Joice Nunes

PROJETO DE ACESSIBILIDADE

Caroline Chaves

Lara Lima

Marcia Moreno

ÁUDIO DESCRIÇÃO

Lara Lima

Caroline Chaves

INTERAÇÃO EM LIBRAS

Fernanda Venâncio

Maria Clara

IMAGENS TÁTEIS

Karéus - UFC
IMPRESSÃO
Elton Gomes
Super Print House
CENOTÉCNICA
Aurino Artes
Aureliano Medeiros
PINTURAS
Edson Carlos de Souza
SALA DE IMERSÃO
FAZ ESCURO, MAS EU CANTO
CONCEPÇÃO, DIREÇÃO E DRAMATURGIA
Wellington Gadelha
ROTEIRO
Fabianne Maia
Matheus Rocha
Wellington Gadelha
ANIMAÇÃO 2D
Fluxo Marginal
Matheus Rocha
VÍDEO
Fabianne Maia
Fluxo Marginal
EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO
Matheus Rocha
DESENHO SONORO E TRILHA
Ruca Bourbon
COMPUTAÇÃO GRÁFICA
Rafa Diniz
INTÉRPRETE DE LIBRAS
Articula Libras
PRODUÇÃO
Plataforma Afrontamento
AUDIODESCRIBÇÃO
ROTEIRO
Renata Franco
CONSULTORIA
Rebeca Barroso Lima
LOCUÇÃO
Felipe Granja
PRODUÇÃO Plataforma Afrontamento
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
João Fernandes | Instituto Moreira Salles - IMS Paulista
Miguel Del Castillo | Instituto Moreira Salles - IMS Paulista
Tomaz Maranhão | Museu da Fotografia de Fortaleza
Luíza Saldanha | Acervo Túlia Saldanha

VERMELHO VIVO
AMOR E REVOLUÇÃO

Curadoria de Ângela Berlinde

ARTISTAS

Alberto Carneiro | Alex Vieira | Alfredo Cunha | Aline Motta & Ricardo Aleixo | Ana Hatherly | Bárbara Fonte | Berna Reale | Boris Kossoy | Catarina Laranjeiro & Daniel Barroca | Celso Oliveira | Délio Jasse | Denilson Baniwa | Edgar Kanaykô Xakriabá | Elaine Pessoa | Evandro Teixeira | Fernando Lemos | Fluxo Marginal | Glauber Rocha | Hilda de Paulo | João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira | Jochen Moll | Juca Martins | Luísa Sequeira | Mané Pacheco | Maria Velho da Costa | Marcelo Brodsky | Miguel Ângelo Marques | Nuno-Nunes Ferreira | Oficina Arara | Olinda Tupinambá | Oswald de Andrade | Patrícia Almeida & David-Alexandre Guéniot Rafael Bordallo Pinheiro | Rita Barros | Rosa Gauditano | Ruca Bourbon | Soraya Vasconcelos | Shinji Nagabe | Tales Frey | Túlia Saldanha | Vitor Martins

LIVROS, POEMAS, FILMES & CANÇÕES

Chumbo, Papel & Cravos: 13 Livros da Ditadura no Brasil + 13 Livros da Revolução das Flores em Portugal + 3 Livros do Coração da Terra:

- Portugal Ano Zero: livros de fotografia da Revolução, com curadoria de José Luís Neves, Luís Pinto Nunes e Susana Lourenço Marques. As Paredes em Liberdade - José Marques | As Paredes na Revolução: Graffiti - Sérgio Guimarães | Da Resistência à Libertação - Abel Fonseca, Alberto Gouveia, Alfredo Cunha, CIDAC, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Hernando Domingues, João Paiva, José Tavares, SECS | Grândola - Reportagen aus Portugal - Jochen Moll | O Livrinho Vermelho do Galo de Barcelos - José Teixeira, Avelãs Coelho, Lourenço Pereira | Orgulhosamente Muitos - F. Gonçalves UNIPRESS | Os Salazarentos - M.A. Mendes | Primo Maggio a Lisboa - Giancarlo De Bellis | Portugal - Antonio Sferlazzo | Portugal Livre: 20 Fotógrafos da Imprensa Contam Tudo Sobre a Revolução - Abel Fonseca, Alberto Peixoto, Alfredo Cunha, António Xavier, Armando Vidal, Carlos Gil, Correia dos Santos, Eduardo Baião, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Inácio Ludgero, João Ribeiro, José Antunes, José Tavares, Lobo Pimentel Jr., Miranda Castela, Novo Ribeiro,

Rui Pacheco, Teresa Montserrat | Revolução e Mulheres - Lisa Chaves Ferreira | Una Storia Portoghese - Fausto Giaccone | Uma Certa Maneira de Cantar. Reforma Agrária: unir, construir, vencer - Costa Martins.- Papel e Chumbo: fotolivros e ditadura no Brasil, com curadoria de Miguel Del Castillo a partir da Biblioteca do Instituto Moreira Salles. A Mesma Luta - Rosa Gauditano | Auto-photos - Gretta Sarfaty | Carnaval - Bina Fonyat | Documento: a Greve do ABC - Nair Benedicto, Juca Martins | Encontro na Bahia 79: XXXI Congresso da UNE - Milton Guran | Há 50 Anos Hoje - Carolina Cattán | P14311 - Diego Di Niglio | República das Bananas - Shinji Nagabe | Sete Quedas - Shirlene Linny e Julio Cesar Cardoso | Sobremarinhos: Capitâneas e Tirâneas - Gilvan Barreto | Somos Todos Alvos aqui - Rogério Vieira | Um Rio em 68 - org. Ana Lucia Machado de Oliveira | Viagem pelo fantástico - Boris Kossoy - Coração na Aldeia, Pés no Mundo, com curadoria de Ângela Berlinde e Fabiana Bruno.

Ããpekôyp Yvy – Corpos Terra - Priscila Tapajowara, Sandrieli Kaiowá, Vanessa Pataxó | Coração na aldeia, pés no mundo - Auritha Tabajara | Hêmba - Edgar Kanaykô Xakriabá

Cinema da Revolução: Programa que aborda revoluções históricas e contemporâneas, como a Revolução dos Cravos, a ditadura no Brasil, as lutas na África, a ancestralidade e as lutas indígenas. Filmes que denunciam opressões e afirmam o cinema como forma de resistência e luta. Fogo no Lodo - Catarina Laranjeiro e Daniel Barroca | Ibirapema - Olinda Tupinambá | O Cravo e a Rocha - Lu Sequeira | O que Podem as Palavras - Lu Sequeira e Luísa Marinho | 25 de Abril 50 Anos - Alfredo Cunha

RevoluSOM - Para Romper com o Silêncio: Música como forma de Protesto, curadoria de Paula Guerra. Instalação sonora composta por discos de vinil, onde a música surge como ato político e resistência poética na geografia luso-afro-brasileira.

BR: Cabeça Dinossauro - Titãs | Os Mais Doces Bárbaros - Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia | Fábrica - Legião Urbana | Mania de Você - Rita Lee | Metamorfose Ambulante - Raul Seixas | Necropolítica - Ratos do Porão | Samba do Operário - Luca Argel | Sangue Latino - Secos & Molhados | Tanto mar - Chico Buarque | Um Por Todos - Elis Regina | Viva a Revolução - Dinho Ouro Preto
PT: Agente Único - GNR | A Máfia Lusitana - Luís Cília | Dinheirinho - General D e Os Karapinhas | Dinheiro - Sereias | Good Reality - The Parkinsons | Hoyo Hoyo - Selma Uamusse | Mona Ki Ngj Xica - Bonga | Medo do Medo - Capicua | Paz, Poeta e Pombas - José Afonso | Perfilados de Medo - JP Simões | Sound Of Kuduro - Buraka 4 ever | Srs. Políticos - Censurados | Tem Dor (África de Itamaracá) - Batida | Utopia - Dino d'Santiago

Faz Escuro, Mas Eu Canto

Instalação Imersiva que convida o público a refletir sobre a luta contínua pela liberdade. Uma nova noite se aproxima, ameaçando eclipsar as conquistas e reparações alcançadas. Devemos estar atentos e fortes, pois a festa não pode acabar. Concebido pelo coletivo de artistas luso-brasileiros, o espetáculo conta com a direção criativa de Wellington Gadelha, Fluxo Marginal e uma trilha sonora assinada por Ruca Bourbon.

ARQUIVOS, MUSEUS E GALERIAS

Arquivo Municipal de Lisboa; Arquivos RTP: Rádio e Televisão Portuguesa; Arquivo BNP: Biblioteca Nacional de Portugal; BPK-Bildagentur: Cultural Treasures for Creative Minds; Centro de Arte Moderna - Fundação Calouste Gulbenkian; Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema; Diamang Digital; Fundação Biblioteca Nacional/Biblioteca Digital Brasileira; Galeria Cristina Guerra Contemporary Art - Lisboa; Instituto Moreira Salles - IMS Paulista; Museu Bordallo Pinheiro - Portal Revista de Ideias e Cultura; Museu de Fotografia de Fortaleza; StudioR.



VERMELHO VIVO
AMOR E REVOLUÇÃO

Curadoria de Ângela Berlinde

(edições) MIS

2 0 2 4

instituto
mirante

M  S

MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM
CE



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA